

TFP

## A Máscara e a Face

Carlos Alberto Agnole  
e Paulo Tauffer

### APRESENTAÇÃO

**N**a presente tradução, para uso dos membros da *Sociedade Cristo Rei*, foi usada a versão francesa publicada na revista *Le Sel de la Terre*, dos dominicanos de Avrillé, tirada do original italiano.

A versão francesa foi acrescentado um artigo do padre Emmanuel Chalard (La tradizione Cattólica), "que completa e confirma as afirmações dos autores, além de documentos oriundos do Brasil, onde foi fundada a "Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade", mais conhecida pela sigla TFP.

A existência de uma sociedade secreta dentro da TFP, a *Sempre Viva*, uma seita anticlerical, milenarista, de cunho gnóstico, levou-nos à elaboração desta tradução, que tem como objetivo retirar a máscara dessa sociedade que se cobre com a devoção à Virgem Maria, e uma pseudo-ação anti-revolucionária, e mostrar aos brasileiros, especialmente aos católicos da *Sociedade Cristo Rei*, a verdadeira face dessa organização, tão bem camuflada, que engana até mesmo a maioria dos seus próprios colaboradores, "cooperadores" como são chamados.

O texto a seguir dispensa maiores comentários. Os interessados em aprofundar a questão podem se valer de depoimentos de ex-integrantes da TFP, que se afastaram ao tomar conhecimento de práticas abusivas da devoção à Nossa Senhora; de homenagens pessoais ao seu fundador, Plínio Corrêa de Oliveira, ou do culto de já era prestado à sua mãe, Dona Lucília, hoje, depois da morte do "Senhor Doutor Plínio", estendidos à sua memória.

Foram omitidas as notas introdutórias da redação de *Le Sel de la Terre*, que se destinam a apresentar a questão aos seus leitores franceses.

## INTRODUÇÃO

Muitos Leitores poderão se indagar sobre o interesse que possa ter falar da *TFP* (*Tradição-Família-Propriedade*) e seus eventuais desvios, considerando que ela é quase desconhecida do grande público, e que, depois do Vaticano II, os erros se acumularam e se apresentam de formas mais visíveis. Não se pode negar que os erros proliferam no interior da própria Igreja, a partir da anarquia espontânea e dissolvente dos movimentos, tais como a *Renovação Carismática*, o *Caminho Neocatecumenal*, a *Sociedade Davi e Jonas* (David e Gionata), (esta desconhecida no Brasil, que prega o homossexualismo) e dos grupos explicitamente mundialistas, tais como os “*Focolari*” e a “*Comunidade de Sto. Egidio*”.

Independentemente do número dos seus adeptos, a *TFP* apresenta um grande – interesse, se se considera o processo revolucionário promovido e dirigido pelas lojas maçônicas há vários séculos, processo que começou a se manifestar, claramente, com a “Revolução Francesa”<sup>(1)</sup>, e que parece hoje encontrar-se a ponto de atingir seu objetivo último: o governo mundial.

O fundamento espiritual desse governo, o princípio unificador da nova humanidade, – como sabem aqueles que detêm alguma informação sobre essa grande conjuração sectária –, é uma perversa religião universal resultante da mistura de todas as outras. Essa religião, que abre caminho sob o nome de *New Age* (Nova Era) viu suas forças decuplicarem com o sincretismo gnóstico favorecido pelo Concílio Vaticano II, que passou de contrabando, sob os rótulos de “ecumenismo” e “diálogo”. Sustentado na atualidade pela poderosa alta finança, ela se encontra a um passo de coroar sua conquista.

Face ao desenvolvimento desse acontecimento apocalíptico se desenham as estruturas de um movimento de pensamento que o investiga, estuda a revolução na sua globalidade, interpretando seu andamento, e buscando os antídotos. Muitos católicos começam a ver que a Revolução é um bloco e que sua raiz diabólica é destruidora de toda a civilização, seja na filosofia

---

<sup>(1)</sup> – Como afirma a própria *TFP*, a revolução começou nas almas, com o Humanismo antropocêntrico, continuou com o Protestantismo, que humanizou e relativizou o verdadeiro, com a sua doutrina do livre-exame. Referimo-nos, aqui, à Revolução na sua fase explosiva e conquistadora.

ou nas artes, na economia ou na política. E não é por acaso que falamos dos católicos, posto que a Franco-Maçonaria, motor e cérebro da Revolução, se autoproclama a Anti-Igreja<sup>(2)</sup>, sendo bem lógica ao buscar na Igreja seu inimigo principal.

Infelizmente, os movimentos de reação ao Concílio, —cuja doutrina sobre a liberdade religiosa sabota, radicalmente, o princípio do primado da lei divina, e, em consequência, o caráter obrigatório da regra moral<sup>(3)</sup>—, encontram-se muito isolados nas suas bases teológicas. Polarizados pela enormidade da apostasia, por mais disfarçada que seja, negligenciaram o exame de toda uma série de flexionamentos políticos que aplainaram o caminho à própria subversão religiosa. É inegável que, após a morte de Pio X, surgiu na Igreja uma orientação perigosa que, desconhecendo a coesão do processo revolucionário, e a natureza instrumental e dialética das suas pseudo-antíteses, tendeu a pactuar com seus representantes ditos moderados, na esperança de pôr obstáculo às teses mais virulentas, desse processo.

É assim que o liberalismo político, inseparável do liberalismo doutrinário, deixou de ser visto como um inimigo. Tornou-se um mal menor; depois, um aliado eventual; e talvez indispensável na luta contra a ameaça comunista.

Com a malfadada revogação do “non expedit”<sup>(4)</sup>, e do surgimento que se seguiu das democracias cristãs, acabou-se por aceitar, se bem que somente no domínio político, o primado da democracia. Mais um passo, —e aqueles que viveram o segundo pós-guerra não podem se esquecer—, elas se encontraram simplesmente identificadas com a causa cristã, com o comunismo como único adversário.

(2) — Ela assim foi definida, particularmente em 1962, pelo grão-mestre Jacques Mitterand: “Não nos contentamos, disse, dirigindo-se aos seus “irmãos”, em sermos a república secreta no interior dos nossos templos. nós somos a “Anti-Igreja”. *Trentagiorni* de maio de 1986, sob o título “A Coabitação Impossível”. (artigo de Mons. Joseph Stimple, bispo de Augsburg, antigo representante do episcopado alemão na comissão de diálogo com os franco-maçons).

(3) — O fato de que o Concílio Vaticano II representa um triunfo da Revolução é afirmado com todas as letras num livro publicado em 1964 por um alto dignitário maçom, Yves Marsaudon, intitulado “*O Ecumenismo visto por um Franco-Maçom de Tradição*”, com prefácio do soberano grande comendador da Franco-Maçonaria de rito escocês francês, Charles Riandey, ed. Vitiano, Paris (*L'ecumenisme vu par un franc-maçom de tradition*). A obra é dedicada a memória de Angelo Roncalli, papa sob o título de João XXIII, “que se dignou a nos dar a sua bênção, compreensão e proteção (...), ao amigo de todos os homens, ao seu augusto continuador, sua Santidade o Papa Paulo VI”. Nesse livro se fala, na p. 121, da “*Revolução desejada por João XXIII, da liberdade de consciência e, na mesma página, sempre a propósito da liberdade de pensamento, está dito que “pode-se, na verdade, falar da revolução” que, “partindo das nossas lojas maçônicas, estendeu-se maravilhosamente sob a abóbada de S. Pedro”*”.

(4) — Denominam-se assim os castigos políticos dados aos católicos italianos após a espoliação de Roma, em 1870, e que lhes interditou serem eleitores ou eleitos. Essas cassações, que tiveram diversas modificações sob Pio X, foram revogada em 1929, pelos acordos de Latrão. (N.d.r.).

Insensivelmente, gradualmente aceitaram-se princípios subversivos, tais como o da "Constituição", do Contrato Social entendido como princípio inspirador, base e matriz de toda regra jurídica; bem como, aqueles da origem popular do poder legislativo e da liberdade de imprensa, acobertadora da liberdade de corrupção. Tratava-se do trabalho das lojas, que separava, contra todo bom senso, a moral e a moral religiosa, como se o homem fosse uma regra em si mesmo, como se o dever, a lei, o direito, não passassem de produtos humanos convencionados e mutantes. Retirou-se, assim, da sociedade, toda a distinção entre o justo e o injusto, o bem e o mal.

Na revista *Chiesa Viva* (Igreja Viva), de janeiro de 1985, buscamos demonstrar como os acordos de Latrão, de 1929, constituíram uma etapa importante dessa perda da visão das relações necessárias entre Deus e a sociedade temporal, que apareciam aos católicos, ao contrário, como uma conquista. Da parte da Igreja Romana, tais acordos implicavam num assentimento à natureza hegeliana do estado fascista italiano. As lojas tinham visado a esse objetivo com todas as suas forças, como brilhantemente demonstrou o professor Gianni Vannoni, no seu livro *Massoneria, Fascismo e Chiesa Cattolica* (Maçonaria, Fascismo e Igreja Católica). Tendo aquiescido à autonomia do homem em relação a Deus, no domínio jurídico e social, era fatal, também, que fosse admitida nos domínios moral e teológico.

O Concílio foi uma assembléia de bispos acostumados a ver na democracia somente civismo, a considerá-lo como a melhor forma de governo, senão a única admissível. Os obstáculos ao projeto de democratização da Igreja se encontravam, nesse momento, neutralizados.

Temos, além do mais, a impressão de que os raros homens da Igreja que, em consequência, isolados e incompreendidos, tiveram a coragem de se insurgir contra as novidades conciliares, não se deram conta, plenamente, da gravidade dos documentos aprovados nessas reuniões. A maior parte deles se retraiu, mais cedo ou mais tarde, vítimas do vício original da sua formação doutrinal.

Ainda hoje, os meios católicos, melhor orientados, parece-nos que, não voltaram toda a sua atenção para esse aspecto totalizante e totalitário da Revolução. Não revêem, sistematicamente, como matéria indispensável de estudo, os documentos do magistério que constituídos pela *Quanta Cura*, pelo *Syllabus*, e pela alocução consistorial *Maxima Quidem*, de

Pio IX. de feliz memória: são textos que, com a encíclica *Mirari Vos*, de Gregório XVI, representam o ponto de partida obrigatório de toda análise e diagnóstico da atual ruína.

Foi pelo favorecimento dessa negligência dos aspectos menos especificamente eclesiais do problema, que a TFP, sociedade formada no Brasil em 1960, ao redor da pessoa e da obra do doutor Plínio Corrêa de Oliveira, pôde impor-se em certos meios. Principalmente, através de um estudo do seu fundador, intitulado *Revolução e Contra-Revolução*, ela pareceu ocupar essa lacuna e enfrentar a questão na sua globalidade, dando instruções precisas aos laicos, cujo papel não tinha sido, até aquele momento, suficientemente esclarecido.

Se a TFP encontra-se implantada em vários países, porém, com fraca expressão em relação ao Brasil (na Itália ela é inexpressiva), é verdade, também, que ela constitui, para a maioria dos movimentos, relacionados com o catolicismo, um ponto de referência ideal.

A obra *Revolução e Contra Revolução* é importante na medida em que aparece como uma espécie de catecismo cívico, indispensável àqueles que desejam se opor à delinqüência universal.

Ademais, não se pode contestar que um estudo das doutrinas e das normas de conduta, propostas pela TFP, sejam úteis para evitar que a reação católica, que está em vias de se projetar timidamente, não seja desorientada pelos impasses.

Pode-se, mesmo, dizer que esse estudo é tão mais necessário na medida em que, nos meios tradicionalistas, foram formulados contra a TFP acusações desconcertantes, denunciando-a como uma seita, extravagante e perversa. É evidente que a exposição dessas censuras, e o exame dos seus fundamentos, constituem o ponto de partida inevitável de qualquer julgamento sobre esse organismo. Ninguém pode negar, em verdade, que ela tomou posição firme e justa sobre os desvios gerados pelo Concílio, como a subversiva “teologia da libertação”. Porém, também não se pode desprezar o fato de que todo combate contra o erro perde o essencial do seu valor quando é travado sob a inspiração de doutrinas em si mesmas erradas. A história das seitas protestantes o ensina claramente.

## PRIMEIRA PARTE

### A reação francesa contra a TFP

As dúvidas sobre a TFP começaram a se espalhar na Europa quando, em 1979, foi conhecida na França uma declaração, escrita por pais de alunos da escola particular Saint Benoît, aberta nos arredores de Châteauroux, em 1977, por militantes da citada associação. Nesse documento, foram formuladas acusações contra a organização brasileira de extrema gravidade.

Tudo começou. lê-se nessa declaração, quando as famílias dos alunos perceberam que seus filhos apresentavam alarmantes anomalias de conduta: uma atitude cada vez mais fechada em relação aos pais, uma preguiça desconcertante que os levava a levantar-se muito tarde (entre 10 e 14 horas), uma também desconcertante propensão a uma vida cômoda e luxuosa, e, enfim, “uma incrível dureza de coração”, acompanhada de um grande desprezo pelas pessoas de condição social humilde.

Os pais se reuniram e abriram uma pesquisa. O resultado, para sermos breves, foi o seguinte: a TFP, sob a aparência de perfeita ortodoxia católica, tinha todas as características de uma seita. Ela elaborara uma doutrina interna e ritos próprios, muito secretos e exclusivos, progressivamente revelados ao adepto durante a iniciação. Uma tal formação, segundo o relatório da pesquisa, se destinava prioritariamente aos mais jovens, mais maleáveis, menos dotados de espírito crítico e defesas doutrinárias, e tendia, igualmente, a elevar, entre as crianças e suas famílias, um muro de silêncio, fundado sobre a desconfiança e a suspeita.

O método desses singulares preceptores consistia em semear, no espírito das crianças, a dúvida sobre suas próprias famílias, persuadindo-as a considerá-las como “fonte da Revolução em mim”, sociedade pervertida, impregnada de idéias errôneas e de espírito revolucionário. Elevava-se, pois, entre elas e suas famílias, de um muro de silêncio, alicerçado sobre a desconfiança e a suspeita. Note-se que se tratava de famílias católicas, fiéis à Tradição, e que

havia se dirigido à escola Saint-Benoit com o objetivo de pôr seus filhos ao abrigo da corrupção das escolas do Estado.

Método semelhante foi empregado em relação aos padres, especialmente Mons. Castro Mayer, bispo brasileiro de Campos. Eles asseguraram a cobertura, a garantia de ortodoxia, celebravam as missas e administravam os sacramentos nas sedes da TFP. Porém, cada uma das suas visitas era precedida de uma encenação destinada a mascarar os ritos em uso.

O relatório passa a expor que os militantes estavam convencidos da iminência de um grande conflito, —que denominavam “a bagarre” (confusão, tumulto, barulho) —, entre as potências angélicas e demoníacas, que se enfrentarão de maneira visível. Nesses dias a vir, os anjos envolverão com sua proteção os homens da TFP, — os eleitos de um mundo perdido —, os quais estabelecerão sobre a terra regenerada, sob os ensinamentos da sua sociedade, o Reino de Maria, onde não haverá mais padres nem missa, onde subsistirá somente a devoção à Santíssima Virgem.

Logo a TFP constituiria, segundo seu ensinamento esotérico, uma espécie de arca da salvação, no momento iminente de uma confrontação suprema entre as forças do bem e aquelas do mal. Em consequência, aquele que dela se separa abandona a única tábua de salvação e passa a ser considerado um traidor e apóstata, destinado, certamente, à perdição eterna: *Extra TFP nulla salus* (Fora da TFP não há salvação).

Nessa nova Igreja, transição entre a Igreja institucional, em vias de desaparecer sob os golpes da Revolução e a era futura, os padres são vistos com maus olhos, as vocações sacerdotais são combatidas em proveito da “vocação TFP”, uma nova escala de valores e preceitos toma o lugar das noções católicas.

Aqueles que escalam os degraus de iniciação da TFP são compelidos a formular votos novos:

— voto de obediência total e sem reservas ao fundador e profeta, o professor Plínio Corrêa de Oliveira;

— o voto de silêncio;

— o voto de celibato;

— o voto de gravidade — não rir e nem sorrir;

— o voto de não beber álcool;

—o voto de “cavalaria”(cavalheirismo), entendido como proibição de criticar a TFP e seus militantes.

O cumprimento desses votos é controlado pelos responsáveis laicos da associação que, substituindo o padre na direção espiritual, podem suspender sua eficácia e impor penitências.

Em compensação, os militantes são dispensados dos seus deveres de estado que a Igreja indica como sendo a via específica de salvação para cada um, mas que, ao engajar o filiado nas ocupações de estudo, trabalho e família, impediriam essa dedicação absorvente e exclusiva à TFP, para a qual tende toda a sua disciplina interna.

Assim, enquanto professa, regularmente, a defesa da instituição, a TFP, segundo o relatório francês, emprega o mais claro dos seus esforços em arrancar os jovens de suas famílias de origem, a fim de dissuadi-los, a seguir, em fundar uma nova.

O relatório prossegue ilustrando importantes desvios, especialmente uma desordem relativamente às práticas tradicionais da santa comunhão e da confissão. De um lado, desencoraja-se, deliberadamente, a prática do sacramento da penitência, porque ele confia ao padre a consciência do militante, às expensas do controle ciumento dos superiores da TFP. Por outro lado, separa-se a comunhão da missa: o militante recebe, quotidianamente, a Santa Hóstia, mas, freqüentemente, sem assistir à missa. Fica do lado de fora da capela, e só entra para comungar.

Os redatores do relatório deploram, além disso, que a atitude prescrita a respeito das pessoas estranhas ao movimento, seja caracterizada pelo recurso sistemático e amplo à restrição mental, levada a um tal ponto que obscureça, no discípulo, a distinção entre o verdadeiro e o falso. Esse agravo é, pensando bem, perfeitamente coerente com aquele outro de sectarismo travestido de tradicionalismo católico, e representa a principal acusação de todo o documento examinado.

O aspecto mais interessante diz respeito ao verdadeiro culto, prestado na TFP ao seu fundador e à sua falecida mãe, dona Lucília Ribeiro Corrêa de Oliveira. Isso é afirmado, particularmente, no opúsculo que contém os atos de culto praticados em honra dela, que só convêm à Santíssima Virgem. Recita-se, em sua honra, uma transposição do “Ave Maria”, onde seu prenome substitui o de Nossa Senhora, e, o prenome de Plínio, o de Jesus. Cada militante tem seu retrato sobre sua mesinha de cabeceira. Um quadro que a representa é levado em procissão

diante dos filhos. Suas relíquias são procuradas e religiosamente guardadas; seu túmulo é local de assíduas peregrinações, e teatro de gestos de enorme veneração. Muitos se consagram a ela como se tratasse da Virgem.

Do mesmo modo, guarda-se e venera-se os retratos e as “reliquias” do professor Plínio (mechas de cabelos, guardanapos de papel utilizados por ele, objetos que suas mãos tocaram). Os homens e os jovens da TFP se ajoelham diante dele, enquanto que ele permanece sentado num sofá, e beijam-lhe a mão que lhes é estendida delicadamente. Quando, durante as cerimônias, ele benze a assistência, como se fosse um padre, todos se prosternam, com a testa tocando o chão. Durante essas cerimônias, o personagem portando espada é sempre incensado.

Sua obra principal, *Revolução e Contra-Revolução*, é venerada como um livro sagrado, com gestos de reverência singulares. É o *Unus Liber*, o livro único, com o qual se formam os militantes, que o aprendem de cor.

Logo, o professor Plínio é visto e mostrado como um profeta, e mais que um profeta: acredita-se que ele possua o dom da inerrância, e fala-se dele, como de Jesus, tendo uma vida oculta e uma pública. Para seus adeptos, ele é o profeta e o artesão do Reino de Maria, o piloto da arca da salvação que constitui a TFP, aquele que, após a grande “bagarre” entre os anjos (associados aos militantes), e os demônios, confiará o mundo resgatado à Virgem.

A resposta da TFP às acusações do relatório francês:

A TFP respondeu a essas graves acusações com dois volumes em francês, publicados em 1980, sob o título eloqüente de *Imbroglío, Difamação, Delírio. Reparos a um Relatório a Respeito das TFPs*. Neles se fazem algumas concessões, por certo: os atos de veneração ao livro *Revolução e Contra-Revolução*, os dons de clarividência do professor Plínio através de fotografias que a ele eram apresentadas, as peregrinações ao túmulo de dona Lucília. O documento, reconhece que o relatório, a bem dizer anônimo, provém de meios tradicionalistas franceses (vol. 1, p.20) e admite (p. 106, nota 2) que os pais dos alunos da escola Saint-Benoît dele participaram, fingindo, mesmo (p.112), não ignorar a identidade de um dos seus redatores. Entretanto, sustenta (vol. 2, p.17 e reg.), sem a menor prova, que se trata de uma manobra de denegrecimento, teleguiada pelo comunismo internacional, para destruir a reputação da TFP, odiada e combatida por que ela constituiria um baluarte muito importante na luta anticomunista.

As razões dessa afirmação, puramente gratuita, são evidentes: quando se trata de avaliar um testemunho, é preciso antes considerar a credibilidade da testemunha. Ora, isto não se encontra, nessa refutação, diante de afirmações que emanam, manifestamente, dos meios tradicionalistas católicos, e, por acréscimo, de pessoas inicialmente favoráveis à TFP, ao ponto de lhe terem confiado seus filhos para que os educassem. Outrossim, a reunião de pais, de 24 de março de 1979, que provocou a implosão da escola, foi inteiramente promovida, — como diz o relatório, e que a TFP não ousa desmentir—, por seu pessoal francês, particularmente pelo prefeito de estudos e pelo padre Billot, que desempenhava o papel de esmoler. Este, pouco antes, expressou-se em termos muito lisonjeiros sobre a TFP. Isto depreende-se da própria refutação. À página 45 do vol. I encontra-se o texto de uma carta elogiosa do religioso, endereçada pessoalmente ao professor Plínio Corrêa de Oliveira, em 18 de junho de 1978, ou seja, somente nove meses antes da reunião em questão.

Como explicar que pessoas tão favoravelmente predispostas, e tão crédulas pouco tempo antes, fossem movidas a inventar, com objetivo caluniador, um tão complexo e agitante “romance”? A conjuração internacional, que transforma os pais dos alunos e o padre Billot em nada mais do que agentes cooptados pelo KGB, é a única explicação possível. Mas, está é desprovida do menor ponto de apoio nos fatos.

A inépcia da defesa fica clara ainda mais numa nota das páginas 280 e 281 do volume I, quando cita um artigo do *Jornal da Tarde* de São Paulo, de 9 de fevereiro de 1973. Nele, esse quotidiano brasileiro revelou, *seis anos antes* que os autores do relatório francês, os mesmos vícios, nestes termos: “Dominus Plinius é um profeta. A teoria do profetismo explica que ele não pode se enganar, e a mão direita de Maria o escolheu, nos nossos tempos, para conduzir ao reino de Cristo aqueles que permanecem verdadeiramente fiéis à Igreja”.

### O caso Fedeli e a ruptura com Monsenhor Castro Mayer

Os acontecimentos que se seguiram a essa polêmica nos dispensam de uma comparação mais minuciosa entre as acusações do relatório e a defesa apresentada pela TFP. O hebdomadário brasileiro *Veja*, de 22 de agosto de 1984, informou que um grupo de 35 membros da TFP, tendo à testa o professor Orlando Fedeli, que havia servido à sociedade durante trinta anos, estava se separando, denunciando fatos graves semelhantes àqueles citados no relatório francês de 1979. Fedeli declarou publicamente ter descoberto, em 31 de maio de 1983, que no interior do movimento se tinha formado uma espécie de sociedade secreta denominada *Sempre*

*Íva*, dedicada a um culto “absurdo e delirante” do líder da TFP. Segundo Fedeli, um destacado representante desse círculo interno, um certo Scognamiglio, sustentou diante de um auditório de iniciados, que o aplaudiu com entusiasmo, que “Nosso Senhor Jesus Cristo se encarnou porque o doutor Plínio correspondeu à graça”. Isto põe o fundador da TFP no mesmo nível da Santíssima Virgem.

Além de outras marcas desse culto desconcertante, —dentre os quais é preciso mencionar a crença segundo a qual o doutor Plínio não morreria, mas seria, como Elias, levado num carro de fogo—, Fedeli tornou públicas as litânias compostas em honra de dona Lucília, que reproduzimos no apêndice. Como veremos adiante, essas invocações nos esclarecem bastante sobre a personagem do profeta, artífice da nova arca da salvação, da nova Igreja: o corredentor Plínio Corrêa de Oliveira.

A esses novos ataques, a TFP replicou, mais uma vez, com dois volumes (num total de 900 páginas): *Refutação a uma Investida Frustrada*, de autoria de um certo Átila Sinke Guimarães,—que designaremos daqui em diante pela sigla RIF—, seguida de uma outra: *Servitute ex Caritate*, que designaremos por S e C.

Não temos em mãos essas obras, mas possuímos as longas citações textuais feitas pela comissão jurídica da conferência episcopal brasileira, que lhe serviram como base para o julgamento da doutrina e das práticas da TFP. Dispomos, além disso, de vários artigos sobre o assunto publicados na imprensa brasileira.

A novidade desse alarido é que, longe de negar a maioria dos fatos, como foi feito anteriormente, ela os admite em grande parte. Adotou a tática defensiva, bem conhecida por quem tem alguma experiência judiciária (a qual, na defesa anterior foi usada apenas a título acessório): decompor em seus elementos o bloco de provas do adversário, enfrentando-os um a um, fora do contexto que os esclarece, a fim de atenuar sua força probatória. Trata-se de uma linha de defesa em retirada, à qual se recorre quando o método mais seguro do desmentido, puro e simples, tornou-se impossível.

Nessa perspectiva, os porta-vozes da TFP admitem a consagração pessoal ao doutor Plínio, em sua qualidade de intermediário entre o céu e seus fiéis (S e C p. 26-27 e 184), de representante de Cristo e de Nossa Senhora (id. p. 175), e reconhecem que a consagração de escravidão à Virgem Santa, segundo o método de S. Luis Maria Grignon de Monfort, é feita através do doutor Plínio (S e C p. 26-27), e torna-se um voto de escravidão ao próprio doutor.

Admite-se, também, que quando no interior da TFP se fala dos dons proféticos do professor Plínio, não é no sentido banal da linguagem comum, como se sustentou, portanto, nas páginas e páginas de *Imbroglia - Calúnia - Delírio* (vol. 1 p. 259ss). Refere-se precisamente ao "carisma de profecia do qual nos fala S. Paulo, enriquecido pelo dom de discernimento dos espíritos", e a uma verdadeira "inerrância profética", na convicção de que o dom de sabedoria e a virtude sobrenatural de sabedoria habitam certamente no doutor Plínio" (RIF. p. 118-119).

À página 271, reconhece-se, senão o uso de uma "Ave Lucília" (cujas existência é tida como certa pelo relatório francês), pelo menos das litânias em honra da referida dama, e a aplicação que a ela é feita do *Memorare*, a oração de S. Bernardo <sup>(5)</sup>.

Face a essas confissões, circunspectas porém inapagáveis, brotam, naturalmente, duas observações:

1 - As palavras do livro dirigido, em 1979, contra os autores do relatório francês: *Imbroglia - Calúnia - Delírio*, se voltam pesadamente contra os que as proferiram. A TFP fica sendo a enganadora; suas práticas, doravante já descobertas, são delirantes; e suas acusações (de mentir e ser instrumento da propaganda comunista), são mentirosas e caluniosas.

2 - Como pode a TFP ainda se crer digna de crédito, pois, se afirmando católica, fiel a todos os princípios da tradição, age com semelhante descaramento, despudoradamente? Por acaso não demonstraram seus membros, com mesquinhez, a exatidão das acusações de jogo duplo, tendente ao uso sistemático e ilimitado da restrição mental, denunciada pelos pais dos alunos da escola Saint-Benoît?

Quanto a essa escola, convém informar que o processo contra ela aberto, foi concluído, em 1982, com uma condenação pelo tribunal competente de Châteauroux, por ação

---

(5) - Como nem todos conhecem a oração de S. Bernardo, nós a reproduzimos a seguir, indagando ao leitor se lhe parece possível que tais expressões possam ser dirigidas a uma outra criatura senão a Mãe de Deus: "Lembraivos, ó piíssima Virgem Maria, que jamais se ouviu dizer que algum daqueles que tem recorrido a vossa proteção, implorado vosso auxílio, e pedido vosso sufrágio fosse por vós abandonado. Animado, pois, com tal confiança, ó Virgem das Virgens, ó minha Mãe, a vós recorro, e gemendo sob o peso dos meus pecados, me prostro aos vossos pés. Ó Mãe do Verbo Encarnado, não recuseis minhas preces, mas escutai-as favoravelmente, e dignai-vos atendê-las. Amém".

psicológica induzida, exercida contra seus alunos (cfm. *Documentation Catholique* (Documentação Católica, de 1º de setembro de 1991).

No momento da ruptura de Mons. Castro Mayer, bispo de Campos, com a TFP, (então a união Castro Mayer - TFP, vista da Europa, parecia indestrutível), os tradicionalistas italianos receberam a novidade desconhecendo as razões. Julgamos oportuno esclarecê-las. A existência do círculo interno Sempre Viva, e a série de precauções tomadas por ocasião das visitas do prelado às sedes da sociedade (cfm. foi dito acima), bastam para explicar esse afastamento. Compreende-se que o bispo, sabedor dos fatos, rompeu todo o relacionamento com as pessoas que o haviam enganado por tanto tempo, e com tanta astúcia.

Ressaltemos a grande semelhança das afirmações do professor Fedeli, e daqueles que com ele deixaram a TFP: após trinta anos de combate nessa sociedade, eles deveriam nutrir por ela uma devoção a toda prova, e, somente razões gravíssimas poderiam ter feito dele o seu mais irreduzível adversário. Considerações análogas se impõem a respeito de Dom Antonio de Castro Mayer.

## As práticas estranhas da TFP

Já revelamos com que astúcia a Refutação (RIF) separou em elementos que, ligados entre si formavam um quadro coerente, cada um se confirmando pelo outro, o que não passa de uma significação adocicada, quando são confirmados separadamente.

Evidentemente, a própria TFP está consciente da fragilidade desse método, porque em seguida, tanto quanto lhe foi possível, ela não negou os fatos, assumindo perfeitamente sua gravidade, fingindo neles ver apenas calúnia e delírio.

---

(6) – Tendo a TFP recusado essa condenação, convém precisar os dados jurídicos. A escola foi alugada por nove anos à associação "Assistance-Jeunesse" (Assistência-Juventude), constituída pela TFP para atender suas necessidades. Em razão das ações da direção sul-americana, e das discordâncias crescentes, os locadores denunciaram o contrato, decorrido um ano e meio. A associação, arguindo ruptura abusiva, os denunciou junto ao tribunal de apelação de Châteauroux. Este desconheceu a demanda, pelos seguintes motivos: "Fazendo desviar, conscientemente, o ensino e a formação ministrados na escola Saint-Benoit às crianças, para objetivos pessoais completamente diferentes daqueles que pretendia pôr em prática, quando do aluguel, enganando, assim deliberadamente os locadores, sobre a verdadeira atividade a ser exercida, a associação "Assistência-Juventude" faltou gravemente às suas obrigações, e manteve, com relação aos seus locadores, um comportamento faltoso, de modo a justificar a rescisão antecipada do contrato que os ligava". (Julgamento de 25 de agosto de 1982, tornado definitivo por ter sido negada apelação). (N.d.r.).

A tese que sustentamos neste capítulo é a seguinte: as litanias a dona Lucília constituem, em si mesmas, uma prova arrasadora, suficiente para justificar a formulação de uma acusação de heresia, e de heresia “delirante”.

Pouco importa se, na RIF, se afirma que essas litanias caíram em desuso, porque, repetimos, como confiar naqueles que repudiaram, com indignação, a acusação de recitar essas litanias, ou uma “*Ave Maria*” dirigida a dona Lucília, enquanto admitem, simultaneamente, que numa certa época as recitavam correntemente, com o *Lembrai-vos* de S. Bernardo, tudo adaptado à mãe do “profeta”?

Afirma-se, à p.40, que essas preces foram proibidos pelo doutor Plínio em 25 de novembro de 1979, e, na p.271, que elas desapareceram depois de maio de 1982. Porém, esse argumento não tem valor, considerando que se defende, apesar de tudo, a ortodoxia e a liceidade de tal prática (RIF p. 40 e carta do prof. Plínio ao Jornal *Folha de São Paulo*, de 28 de agosto de 1984).

As expressões das litanias, tornadas públicas pelo prof. Fedeli, junto com uma condenação assinada por D. Castro Mayer, não são contestadas. A discussão se trava, somente, sobre a ortodoxia.

Remetemos ao apêndice o leitor que desejar conhecer o texto integral. Parece-nos suficiente, aqui, citar e comentar algumas das invocações nele contidas.

Plínio é designado não somente como *o Doutor da Igreja*, senão o único, pelo menos como o maior (“Mãe do Doutor da Igreja, rogai por nós”), mas, decididamente, como “o Inefável” (“Mãe do Inefável, rogai por nós”), isto é, daquele cujo ser e virtudes não podem ser expressos em nenhuma língua humana. Note-se, ainda, o emprego do artigo definido *o*, que sugere a unicidade do sujeito: a ele, e a ele só, convém, portanto, o qualificativo de Inefável, enfatizado com a inicial maiúscula. Se o Inefável é o prof. Plínio, pergunta-se, então, que lugar sobra para Deus?!

O que dizer da invocação “Mãe de toda pureza”? Por menos que se pense: “de dona Lucília nasceu toda pureza”, o que pensar de S. Luis Gonzaga, de Sto Antônio, e mesmo de S. José?

O professor Plínio é, também, o Inocente, o Sério (...). Antes dele, portanto, não havia pureza, nem seriedade, nem inocência? O que se pode aprofundar, para resolver essa

perplexidade senão que, antes que os séculos fossem, Plínio é? Porque, a bem dizer, eis qualidades que, em grau absoluto, só convêm a Deus. É o que sugere, também, a invocação, enigmática e inquietante: “Mãe do princípio axiológico”<sup>(7)</sup>.

Se essa é a fé professada na TFP, não causará admiração a anedota contada por um outro dissidente, o professor de matemática Norio Nakamura, que foi, até sua defecção, o contador dos ordenadores de despesas da TFP. Ela foi reproduzida na revista brasileira *Isto é*, de 5 de setembro de 1984.

Nos últimos anos, punha-se o retrato de dona Lucília no lugar de honra da capela de cada “*eremo*” (espécie de eremitério próprio à TFP), isto é, onde é ocupado, normalmente, pela imagem da Virgem. Em maio de 1983, dom Giulio Tam, da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, muito conhecido nos meios tradicionalistas italianos, veio em visita a uma dessas capelas. A imagem da Virgem havia retomado seu lugar. Mas, logo que o padre partiu, ela cedeu o lugar, novamente, a dona Lucília.

Testemunhas dessa manobra, Nakamura e muitos outros, terminaram por verificar a que distância a religião plineana tinha, progressivamente, se afastado da verdadeira fé. Eles foram embora, declarando não poder ficar nenhum instante mais numa casa onde Nossa Senhora é retirada e substituída com tal desenvoltura.

À luz do que vimos até aqui, esses costumes, altamente desconcertantes, comportam uma certa coerência: se Plínio é o princípio encarnado e toma o lugar de Cristo, é justo dar à sua mãe o da Virgem Santíssima. Aliás, nota-se que a essa exaltação da sua mãe corresponde um silêncio absoluto do seu pai, como a sugerir uma paternidade misteriosa e sublime.

Esse episódio revelador não é negado na RIF, que quer enxergar nele uma legítima precaução em presença desse sacerdote, o padre Tam, porque ele “vem de um meio prevenido contra a TFP, onde já havia circulado a acusação de uma malsã devoção a dona Lucília” (p. 152-153). Mas, se a precaução é compreensível, a presença habitual de madame Lucília sobre os altares o é muito menos.

---

(7) — Dá-se à palavra axiologia o sentido de “critério sobre cuja base se afirma o valor de qualquer coisa”. A interpretação dessa expressão seria: “Mãe do critério de valor”, ou, “Mãe do princípio moral”. (N.d.r.)

Uma palavra sobre a disputa dos peritos. O prof. Fedeli, de fato, submeteu as litanias ao julgamento do bispo de Campos, D. Castro Mayer, que as declarou, por escrito, em 4 de novembro de 1983 (ver o apêndice), ilícitas e blasfematórias. A TFP replicou com um parecer, solicitado por ela, de um teólogo dominicano, o padre Victorino Rodriguez, antigo professor da universidade de Salamanca, que não encontrou nessa devoção nenhum erro de ordem teológica, moral ou canônica. O prof. Fedeli obteve, então, do prof. João Corso, um parecer contrário, datado de 22 de novembro de 1984.

Essa querela de peritos não nos parece, francamente, a maneira correta de abordar a questão. O entusiasmo moderno pelas “especializações” e os “peritos”, não pode nos forçar a abdicar ou delegar o uso da razão e do bom senso. Se o padre Rodrigues, confirmadamente, sustenta que se pode celebrar um homem como “o princípio axiológico” e como a própria pureza, sem prejuízo da fé, é preciso constatar, uma vez mais, a terrível confusão de idéias que reina na Igreja depois do Concílio Vaticano II.

### O *Unus liber* da TFP

O “relatório” nos informou (p.62), que na escola Saint-Benoît, “antes de cada missa, os militantes da TFP desfilam em cortejo, com passos cadenciados, levando até o altar o livro do doutor Plínio, *Revolução e Contra-Revolução*”.

Acrescenta que “o mesmo gênero de cerimônia ocorre no Brasil. O livro é, geralmente, precedido por um militante que leva uma almofada sobre a qual é depositado um cálice, depois, por um outro militante portando uma almofada com uma coroa de espinhos sobre ela”.

A exatidão dessa descrição é expressamente reconhecida à p.314 do primeiro volume da réplica, *Imbroglia-Calúnia-Delírio*: “Nada de mais natural que eles entrem na capela portando os emblemas, insígnias e símbolos que utilizam na sua formação; entre eles, o livro”.

Na verdade, pouco há de natural: esses sinais de uma reverência imoderada, que ninguém sonharia prestar à *Suma Teológica* de Sto. Tomás, ao catecismo, ou aos escritos dos

padres da Igreja, indicam que esse livro —, aprendido de cor, segundo o relatório, por todos os alunos —, tornou-se, para eles, *o livro* (To; Biblivon), a Santa Escritura.

Essa Escritura, paralelamente à quase divinização de Plínio, goza de uma autoridade superior à da outra, como ocorre com o Talmude entre os judeus. Isto deveria bastar para lançar suspeição sobre o seu conteúdo.

Considerando que essa obra goza de grande estima nos meios tradicionalistas italianos, que o faz objeto de atentos estudos,— enquanto que, como lamentamos no começo, negligenciam-se demasiadamente *Mirari Vos, o Syllabus, Quanta Cura, Pascendi e Humanum Genus*, documentos do magistério pontifício fundamentais para o conhecimento e a rejeição da Revolução —, queremos oferecer ao leitor um breve exame crítico.

Duas observações se impõem:

A primeira: *Revolução e Contra-Revolução*, sendo considerado o livro por excelência, para os militantes da TFP, as deficiências que nele se encontram produzem outras tantas lacunas na formação dos que a ele se referem constantemente.

A segunda está relacionada com a maneira católica de se posicionar face ao processo revolucionário, pelo menos na sua fase mais virulenta, que se inicia com o iluminismo.

As provas estão no *Código de Direito Canônico*, de 1917; em diversos documentos pontifícios; e, na análise de muitos autores que estudaram os acontecimentos históricos dos quatro últimos séculos: de Barruel a Mons. Henri Delassus, de S. Maximiliano Kolbe a Pierre Virion e ao Conde de Poncins.

Trata-se de considerar a Revolução como, — para empregar-se as mesmas palavras de Pio IX em *Quanta Cura*—, o produto de uma “maquinação perversa”, de uma *Inimica vis* (definição de Leão XIII numa encíclica desse nome, publicada em 8 de dezembro de 1892), de uma força organizada cujo plano é destruir a Igreja de Cristo, aniquilando antes o império da lei divina sobre a sociedade, penetrando em seguida no próprio templo, para profaná-lo e derrubar os altares.

O instrumento mais notável dessa conjuração, como ensinam esses pontífices e sábios, é constituído pela Franco-Maçonaria que através de maquinações tenebrosas de um poder oculto, assumiu o controle dos governos e dos Estados. Ela sustenta uma concepção naturalista e

hedonista do direito e da sociedade, que constitui, com toda a propriedade, a negação desse reino de Deus que Jesus nos ensinou a pedir no Padre Nosso.

Plínio não contradiz essa visão tradicional, e, até mesmo a confirma e faz sua, apelando expressamente ao magistério pontifical, particularmente à encíclica *Humanum Genus*, de Leão XIII: “Parece-nos impossível, escreve, produzir um processo tão coerente, tão contínuo como a Revolução, através de mil vicissitudes de séculos inteiros, cheios de imprevistos de toda sorte, sem a ação de gerações sucessivas de conspiradores dotados de inteligência e poder extraordinários. Pensar que sem isso a Revolução teria chegado ao estado em que se encontra, equivaleria a admitir que centenas de letras do alfabeto, jogadas pela janela, poderiam, espontaneamente, dispor-se no solo formando uma obra qualquer, por exemplo o *Hino a Satanás*, de Carducci<sup>(8)</sup>. As forças propulsoras da revolução têm sido manobradas, até o presente, por agentes muito sagazes<sup>(9)</sup>”.

O retorno explícito, por Plínio, ao *Hino a Satanás* de Carducci, atesta mais uma vez seu conhecimento da conjuração maçônica. Os que tratam dessas coisas sabem que Carducci foi um maçom dos altos graus, com relações estreitas com o famoso grão-mestre Adriano Lemmi, este o herdeiro de Albert Pike, chefe da Franco-Maçonaria luciferina. O *Hino a Satanás*, que a escola pública cuida de adoçar sua evidentíssima significação, é, na verdade, o hino ao deus da Maçonaria.

Conhecendo essa terrível realidade, da qual o orgulho frouxo do homem moderno escarnece tola e cruelmente, Plínio deveria ter consagrado, a ela e às suas maquinações, uma extrema atenção: a astúcia e a arte da camuflagem, nos fenômenos demoníacos, são bastante notórias.

Aliás, é muito evidente que não se pode encontrar, — segundo as próprias palavras do grão-mestre Jacques Mitterrand (ver mais acima) —, uma Anti-Igreja sem padres, sem exércitos e sem chefes. E, sobretudo, está claro que não se pode combater um inimigo sem estudar, com cuidado, seus objetivos e suas armas, organização e movimentos.

---

(8) — Giosue Carducci (1835-1907), poeta oficial da Itália unificada, espírito revolucionário, anticlerical. Continua sendo muito estudado nas escolas públicas italianas. (N.d.r.).

(9) — Plínio Corrêa de Oliveira. *Revolução e Contra-Revolução*. Ed. Catolicismo, 1960, p.51.

O autor mostra, mais adiante, que conhece bem os objetivos da seita: supressão do sacerdócio<sup>(10)</sup>, assimilação das religiões<sup>(11)</sup> (a “prece universal” de Assis, de 27 de outubro de 1986 estava ainda por acontecer), e, enfim, o governo mundial, ou república universal<sup>(12)</sup>, pela fusão de todas as raças, todos os povos, e todos os Estados numa só raça, um só povo, e um só Estado<sup>(13)</sup>.

Depois destas premissas, espera-se um exame atento das falsas doutrinas elaboradas nas lojas maçônicas, e exportadas para o mundo profano para corrompê-lo e destruí-lo. Espera-se uma denúncia inexorável das estruturas das quais se serve a grande conspiração: a ONU, a Franco-Maçonaria, e a alta finança, em primeira linha; depois, os grandes círculos mundialistas, essas indispensáveis correias de transmissão para envolver os ignorantes que se chamam partidos, parlamentos, imprensa, e os demais órgãos de comunicação de massa.

Ora, tudo isso pouco se encontra no livro: o acento recai sobre “as tendências desordenadas”, que seriam as “verdadeiras responsáveis” pelas “crises morais”, sobre as “doutrinas errôneas”, e, portanto, sobre as “revoluções”. Esta benevolência para com as generalidades prejudica a demonstração. Tendências desordenadas não são a Revolução, elas fazem parte da natureza decaída do homem e o seguem por toda parte, depois do pecado original. Elas não teriam produzido por si mesmas “a Revolução”, tanto quanto para retornar à figura do mesmo autor. —centenas de letras jogadas ao acaso não se juntariam no chão, formando o *Hino a Satanás*. Faltaria uma direção.

O fato de estudar as tendências, sem levar em consideração, atentamente, as organizações executantes, as doutrinas professadas e espalhadas, equivale a buscar o sentido do *Hino a Satanás* examinando as letras que o compõem.

Dito de outro modo, o problema da maquinação anticristã, denunciada muitas vezes pelos soberanos pontífices, depois da bula *In Eminentí*, de Clemente XII, em 1738, não pode ser compreendido — como faz Plínio Corrêa de Oliveira —, sem o exame dos órgãos da Revolução, do seu coração e do seu cérebro.

---

(10) — Ibid. p.60 “a Revolução”, tanto quanto, para retornar à figura do mesmo

(11) — Ibid. p.60.

(12) — Ibid. p.76.

(13) — Ibid. p.62.

A equação perigosa: revolução = comunismo:

Na doutrina de Plínio Corrêa de Oliveira há um outro erro ainda mais perigoso, que não se encontra tanto em *Revolução e Contra-Revolução* quanto no prosseguimento do seu “magistério”: ele acabou confundindo a revolução com o comunismo, e, a contra-revolução com o anticomunismo. Basta ler o primeiro volume da réplica ao *Relatório Francês* para se dar conta disto, sem dúvida possível.

Ora, uma concepção tão restritiva leva a se fazer o jogo da revolução.

Sempre nos esforçamos, seguindo a linha dos ensinamentos tradicionais, em demonstrar, repetidas vezes, que o inimigo principal da Igreja não é o comunismo, mas, sim, o liberalismo, isto é, a doutrina que separa a sociedade da religião, o direito humano do direito divino, tomando o homem, e sua vontade, como fonte da lei e medida do justo e do injusto.

Sempre dissemos: suprimi o liberalismo, restaurai a sociedade cunhada pelo sagrado, onde toda autoridade se religa a Deus, e o comunismo desaparecerá como neve ao sol; abatei o comunismo, deixando viver o liberalismo, e todas as monstruosidades, inclusive o comunismo, sempre serão possíveis. Estejais certos de que então o arbítrio e o crime continuarão a ser a regra dos governos, e a se espalhar por todo o corpo social.

Os fatos de 1989, e a queda do comunismo, nos deram razão: quem ousaria afirmar, hoje, que a revolução acabou com o “desmoronamento” do império soviético? O acontecimento, ao contrário, constituiu uma importante nova etapa na implantação da nova ordem mundial maçônica.

É evidente que a *Declaração dos Direitos do Homem* é mil vezes mais perigosa do que o *Manifesto* ou *O Capital* de Karl Marx. Não se trata somente da declaração francesa de 1789, mas, também, da sua atualização formulada pela ONU, em 1948, que realiza o projeto prometeico de Rousseau de fundar a sociedade sobre a areia do *Contrato Social*, abandonando a rocha da lei divina.

Um estudo que, como *Revolução e Contra Revolução*, só quer saber de generalidades, sem se deter sobre esse erro fundamental, não estabelece nem mesmo o beabá da luta contra a Revolução. É necessário começar por submeter a uma crítica radical o próprio conceito de “poder legislativo”, elaborado pelas lojas e difundido pelo franco-maçom Montesquieu no quadro da teoria da separação dos poderes. Porque, se a subversão inventou um “poder” legislativo, foi para

trocar pela vontade dos poderosos o direito costumeiro (consuetudinário) fundado sobre a regra religiosa e moral, e sobre as aplicações dos juristas. De certa maneira, concedeu-se ao “homem”, a esses que se apossam das alavancas de comando, a faculdade de fazer e desfazer leis à vontade, sejam elas justas ou não, e de separar, assim, o direito da moral. Do mesmo modo, não se pode enfrentar o problema da Revolução sem examinar a noção de “constituição”, fundamento declarado do Estado laico moderno. As constituições são aplicações nacionais dos princípios da *Declaração universal dos Direitos do Homem*, que elas reproduzem, quase sempre servilmente, e da falsa doutrina do *Contrato Social*.

É possível opor-se à Revolução sem denunciar nos *Direitos do Homem* o pressuposto filosófico, jurídico e teológico desse governo mundial, que o próprio Plínio reconhece como o objetivo final da plurisecular tormenta revolucionária? Não são essas as bases do direito mundial, maleável nas mãos dos altos iniciados, e apto a sujeitar entre elas os povos mais diferentes?

Esse direito, ao fazer abstração de toda religião e toda moral, acabou por apagar, em nome de uma “tolerância” universal, sincretista e ecumênica, relativista e panteísta, na qual desaparece, toda distinção entre o verdadeiro e o falso, entre o bem e o mal.

É preciso, antes, apontar as vias e os objetivos da seita. Depois, poder-se-á demonstrar que a Revolução, justamente por seu caráter teológico, é um *processus* unitário e totalizante, que arrebatou o homem por inteiro, na sua existência e ações. A revolução manifesta seu poder dissolvente não somente no direito, mas, também, nas belas artes, na música, na literatura, e, no grau mais elevado, na filosofia prática e teórica.

Concluamos este capítulo ressaltando a eficácia da *Declaração dos Direitos do Homem*, bem superior à da mentira marxista. Foi em seu nome, pela encíclica *Pacem in Terris*, de João XXIII, verdadeira *Declaração*, e pelo concílio Vaticano II (sobretudo pelas “declarações” *Dignitatis Humanae* e *Nostra Aetate*), que a Revolução penetrou no templo e se encontra prestes a derrubar os altares.

## Os Estados Unidos. campeões da Contra-Revolução?

A revista oficial da TFP, *Catolicismo* (outubro de 1988), publicou que o professor Plínio Corrêa de Oliveira que fez contatos públicos com representantes do *establishment* norte-americano, reconheceu, durante uma conferência com eles, que os Estados Unidos da América são "a maior defesa temporal do Ocidente contra o comunismo". Sim, trata-se desses Estados Unidos que nasceram da heresia calvinista e da franco-maçonaria, a tal ponto que o autorizado teórico dessa seita, o irmão Ernest Nys, os definiu, claramente, como uma criação maçônica<sup>(1)</sup>, cuja constituição antecipa a *Declaração dos direitos do Homem e do Cidadão*.

Semelhante comportamento não teria sido possível se a TFP tivesse uma noção exata da essência do fenômeno revolucionário e estudado, atentamente, a conjuração anticristã. Estaria claro, para todos seus membros, que não se pode combater a Revolução associando-se aos sistemas políticos e aos homens que são uma expressão tão qualificada deles.

A presidência dos Estados Unidos sempre foi um apanágio maçônico. O atual presidente George Bush<sup>(2)</sup> é um grau 33 do rito escocês antigo e aceito, como declarou o grão-mestre da F.M. italiana, G. di Bernardo, em entrevista a *La Stampa*, de 23 de março de 1990<sup>(3)</sup>.

Os membros da TFP deveriam ter presente uma noção muito elementar para aqueles que querem estudar a ação política, protegendo-se das mentiras da escola pública: a revolução bolchevique foi anunciada, encorajada, financiada e gerada pela alta finança anglo-americana e judia, e pela franco-maçonaria<sup>(4)</sup>.

(1) - Ernest Nys: *Massoneria e Societa Moderna*, ed. Castogi, 1988, p. 92, 93. O autor afirmou, sobre a constituição dos USA: "As idéias primordiais da franco-maçonaria foram afirmadas, pelos gloriosos fundadores da república que, quase todos, pertenciam às lojas. "Ele cita, em apote, estas palavras do irmão Coslim, da loja "Constancia Coroada" de Paris: "Para marcar a influência da nossa sábia instituição, Franklin deu aos Estados Unidos as estrelas que se vêem nos tetos dos nossos templos. Os símbolos da franco-maçonaria flutuam sobre todos os mares sob a forma de uma bandeira reverenciada pelas mais poderosas nações do mundo".

(2) - Em 1992 (N.d.t. francês).

(3) - A entrevista com a assinatura de G. Bianconi, foi publicada sob o título: *Eis o Juramento dos Franco-maçons*.

(4) - Cfm. Yann Moncomble: *La Trilaterale et les secrets du Mondialisme* (1980), (p. 55 e 56), *Les Vrais Responsables de la Troisième Guerre Mondiale* (1982, p. 22, 23, 85), e *L'Inesistible expansion du Mondialisme* (1981, p. 185). Também Pierre Faillant de Villemarec: *Les Sources Financières du Communisme* (ed. CEI, 1984).

Plínio Corrêa, ao contrário, toma como critério da sua luta contra-revolucionária<sup>(5)</sup> a oposição entre os EUA e a URSS, cujo caráter artificial já estava bem claro desde antes da tragi-comédia de 1989, com os abraços entre Bush e Gorbachev (ambos agentes da Nova Ordem Mundial). É impressionante como o professor ignora ou esquece que os Rockefeller controlam e manipulam a política dos EUA, por intermédio do *Council on Foreign Relations* (CFR), e outras organizações “discretas”. Essa família fez da difusão da contracepção e do aborto sua bandeira particular, e, através do ecologismo, caminha para a síntese sincretista e panteísta da nova religião mundial, destinada a suplantar todas as outras e conhecida, daí em diante, inclusive entre nós, sob o nome de *New Age*.

Não é tão velho assim o escândalo que tanto repercutiu e revelou os planos de uma política americana de genocídio e extermínio relacionada com o próprio Brasil: de 1974 a 1991 essa política promoveu a esterilização de mais de um terço da população feminina deste país. O escândalo ecoou na imprensa italiana em 4 de agosto de 1991. Entre os diários que relataram a notícia, *L'Adige* intitulou assim seu artigo: *Brasile, sterilizzato un terzo delle popolazione femminile – Finanziata dagli USA è enorme campagna clandestina* (No Brasil, um terço da população feminina foi esterilizada - A enorme campanha clandestina foi financiada pelos EUA). O jornal ressaltou que essa iniciativa tem sido estreitamente ligada à difusão, pelos EUA, de seitas protestantes que “encorajam, freqüentemente, esse tipo de intervenção cirúrgica”. Porém, o artigo mais exaustivo sobre o acontecimento – não obstante, aliás, os grandes deméritos desse periódico –, foi o da *Famiglia Cristiana* (nº 38, de 1991). Admite que, nos Estados brasileiros mais pobres o sucesso da operação atingiu números nunca vistos: no Maranhão, por exemplo, três quartos das mulheres em idade núbil foram esterilizadas. *Famiglia Cristiana* acrescenta que esse plano de extermínio indireto, voltado para o aniquilamento da maior nação católica do mundo, que prossegue, com certeza, hoje em dia, e se estende a doze outros povos, foi formulado com precisão em 1974, pelo *National Security Council*, de Washington. Ele consta de um documento que se tornou público, em 1989, inspirado por Henry Kissinger, e, em cujo estudo colaborou George Bush, então diretor da CIA e Brent Scowcroft, responsável pela segurança da Casa Branca. Os três eram, como se fosse por acaso, membro dessa misteriosíssima “Comissão Trilateral” rockfelliiana, que é uma das centrais operativas da grande operação maçônico-mundialista.

(5) – Sobre os segredos da queda do comunismo. *Crisi del comunismo alla luce della cospirazione massonica*, pelos autores deste estudo, em *Chiesa Viva*, de abr-mai-jun de 1990.

Uma vez mais é revelada a natureza da Revolução: conspirativa e conduzida por uns poucos. Seus planos, inspirados por chefes animados por uma doutrina gnóstica, são estudados e postos em prática por centrais ocultas, ricas e poderosas.

Nessas condições, é certo que, renunciar, como faz a TFP, ao estudo do *Mysterium iniquitatis* nas suas profundezas, limitando-se a pesquisas sobre as “tendências”, significa condenar-se a conhecer muito pouco do *processus* da subversão. Corre-se até mesmo o risco de colaborar com órgãos tenebrosos, postos no mundo para manipular aquilo que os iniciados chamam o mundo profano, e que eles comparam a uma “pedra bruta a esquadrejar”.

Eugenio Bonvicini, num livro de propaganda da franco-maçonaria, *La Libera Muratoria* (A Franco-Maçonaria) ed. Sugard, 1978, pp. 190 e 191), com prefácio do grão-mestre Giordano Gamberini, afirma, com todas as letras, que o simbolismo do grande selo dos EUA, na da nota de um dólar, é eminentemente maçônico.

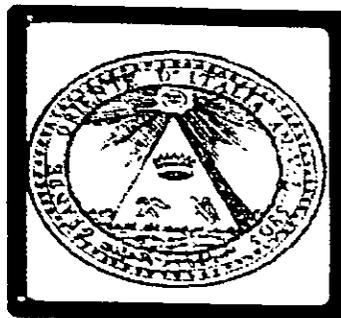
Nesta gravura, reproduzimos o desenho que figura à esquerda do verso da nota de um dólar, e que corresponde ao contra-selo dos EUA. A pirâmide aí simboliza o estado centralizador burocrático, emanado da Revolução Francesa e da Revolução Bolchevista: as arestas e as linhas desse sólido confluem para o ápice, onde se encontram os altos iniciados, simbolizados pelo olho que tudo vê. Tudo depende deste, que dispõe de tudo, dominando a massa cinzenta e opaca do mundo profano.

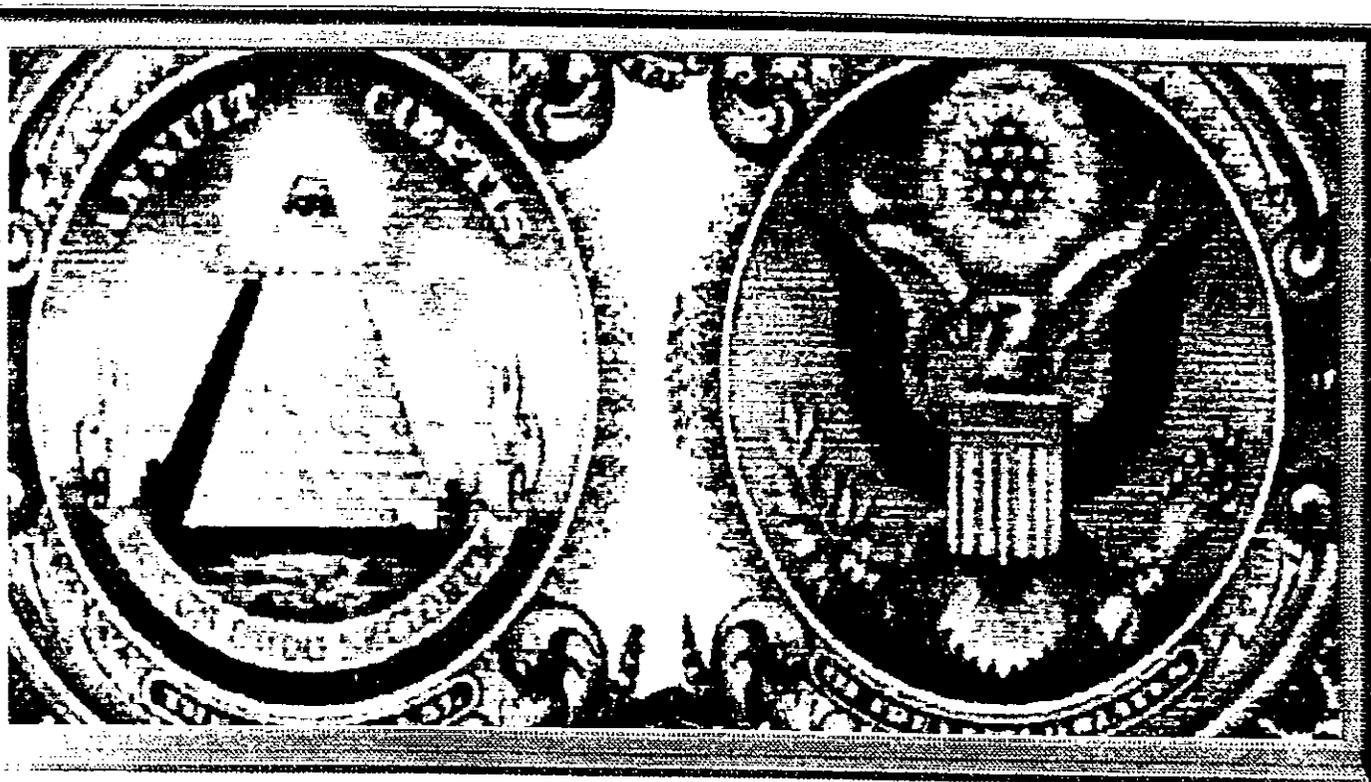


A data inscrita em algarismos romanos, ao pé da pirâmide,—1776— lembra a declaração de independência, porém, os iniciados, nela vêem a data de fundação dos Iluminados da Baviera. (Vê-se, também, outra inscrição: *novus ardo seclorum*—a nova ordem dos séculos. N.d.r.).

Num tal contexto histórico, parece muito arriscado definir os EUA, como faz o professor Plínio: “a maior defesa temporal de todo o Ocidente contra o comunismo”.

Selo do Grande Oriente da Itália. Suas semelhanças com o selo dos EUA, que aparece na nota de um dólar, são muito evidentes.





Verso da nota de 1 dollar ampliado

## Caráter equivocado do esquema “Revolução/Contra-Revolução”

Não partilhamos da idéia difundida pelo próprio título da obra fundamental do professor Plínio Corrêa de Oliveira: *Revolução e Contra-Revolução*. Ela sugere, certamente, uma interação entre os termos antagônicos porém complementares (tese-antítese), como se o bem, figurado pela contra-revolução, só se justificasse em oposição ao mal da Revolução.

É bem esse o pensamento do professor: pode-se saber por um dos seus artigos, publicado no *Jornal da Tarde*, de 9 de junho de 1979, e reproduzido em italiano no mensário *Cristianità*, de outubro do mesmo ano.

Nele se lê, especialmente, que os termos direita e esquerda são “correlativos”, e ambos “indispensáveis” para quem desenvolve, habitualmente, análises ideológicas”. A “zona clara”, que permite a leitura do problema político-social, seria a esquerda. Conclui-se que a direita se identifica somente enquanto oposta à esquerda, e dotada de uma existência derivada e subordinada.

Ressaltemos que o verdadeiro não é o anti-erro, mas que o erro é uma falsa percepção do verdadeiro. Se o erro pressupõe o verdadeiro, o verdadeiro não pressupõe o erro, assim como Deus, soberano Verdadeiro e soberano Bem, não é o antidemônio: é o demônio que se faz o inimigo de Deus. Não podemos perder de vista o conceito fundamental, formulado por Sto. Agostinho: o mal não tem essência própria; ele é uma privação de ser, uma imperfeição, uma carência.

Que nos seja permitido, também, ressaltar a particularidade do esquema dialético de Plínio em relação ao que é difundido correntemente pela mídia: enquanto esta apresenta a direita conservadora como a tese, a esquerda como a antítese, na perspectiva plineana é o inverso.

Sob o nome de “Mistério da Balança”, a dialética universal constitui o ensinamento do 32º grau da F.M. do rito escocês antigo e aceito. O soberano grande comendador desse rito, Albert Pike, no seu comentário dos ritos da seita, explica que o mistério da balança expressa o “equilíbrio entre o bem e o mal, a luz e as trevas. Esse equilíbrio nos assegura que tudo é obra da

sabedoria infinita, ou de um amor infinito, e, que não há demônio rebelde ou príncipe das trevas<sup>(6)</sup>. O ponto de equilíbrio representa a síntese entre a tese do bem e a antítese do mal.

## Conclusões da Primeira Parte

Abstraindo-se o incrível culto prestado ao professor Plínio e à sua mãe, o qual constitui apenas a particularidade mais aparente e desconcertante da TFP, e sem lembrar as considerações que inspiram sua estrutura político-filosófica, é oportuno ressaltar certos elementos que projetam, sobre sua constituição mental, outros reflexos inquietantes.

- A espera de uma nova era, onde a Igreja, enquanto estrutura, deverá desaparecer junto com o sacerdócio, aproxima-se muito dos vaticínios do monge visionário Joaquim de Fiore, que introduziu o germe da gnose no pensamento cristão. Ora, gnose e F.M. são a mesma coisa.

- Na revista brasileira Isto É, de 5 de setembro de 1984, lê-se que a organização dos "êremos" da TFP se inspira na Ordem dos Templários. Pois bem, essa ordem é a referência notória dos graus mais elevados, os "graus de vingança" da seita maçônica, cujo objetivo declarado é a destruição da monarquia cristã e da própria Igreja. Eles desejam, dessa maneira, vingar a morte do grão-mestre Jacques de Molay, condenado em 1314 pelo rei da França, Felipe o Belo, e a supressão da ordem pelo papa Clemente V, no mesmo ano.

É incrível que, na formação dos seus militantes, inspire-se numa instituição há tantos séculos desaparecida, e cuja herança espiritual, justamente sobre a base da suspeita de desvio gnóstico, é reivindicada pela Franco-Maçonaria.

- Por fim, não se pode deixar de ressaltar que a TFP mantém esses estranhos cavaleiros à parte do ministério sacerdotal e do casamento. Ela se afasta dos dois pilares das sociedades cristãs: o sacerdócio e a família, em perfeita convergência de fato com os objetivos que declara querer combater.

+  
+ +

<sup>(6)</sup> - Tendo a TFP recusado essa condenação, convém precisar os dados jurídicos. A escola foi alugada por nove anos à associação "Assistance-Jeunesse" (Assistência-Juventude), constituída pela TFP para atender suas necessidades. Em razão das ações da direção sul-americana, e das discordâncias crescentes, os locadores denunciaram o contrato, decorrido um ano e meio. A associação, argüido ruptura abusiva, os denunciou junto ao tribunal de apelação de Châteauroux. Este desconheceu a demanda, pelos seguintes motivos: "Fazendo desviar, conscientemente, o ensino e a formação ministrados na escola Saint-Benoit às crianças, para objetivos pessoais completamente diferentes daqueles que pretendia pôr em prática, quando do aluguel, enganando, assim deliberadamente os locadores, sobre a verdadeira atividade a ser exercida, a associação "Assistência-Juventude" faltou gravemente às suas obrigações, e manteve, com relação aos seus locadores, um comportamento faltoso, de modo a justificar a rescisão antecipada do contrato que os ligava". (Julgamento de 25 de agosto de 1982, tornado definitivo por ter sido negada apelação). (N.d.r.).

## Um Testemunho pelo padre Emmanuel du Chalard

Pediram minha opinião sobre o estudo de C.A. Agnoli e P. Taufer, intitulado *TFP: a Máscara e a Face*. Sinceramente, não sei se sou a pessoa indicada, considerando que muitos conhecem minha atitude crítica e negativa face à organização TFP (Tradição – Família – Propriedade), um movimento nascido no Brasil, em 1960. Mas talvez seja a ocasião de explicar como cheguei a um julgamento desfavorável a respeito da TFP.

Quando, nos anos 70, ouvi falar da TFP e sua atividade, fiquei bem impressionado *a priori*. Achei seus militantes corajosos, mesmo se sua maneira de agir pudesse parecer inadequada à mentalidade européia. Certas condutas (como as manifestações públicas com bandeira enormes, capas e megafones), poderiam ser explicadas pela sua origem sulamericana. Depois, o apoio de S.E. Mons. Antonio de Castro Meyer, bispo de Campos, representava uma garantia segura às atividades da TFP.

Acrescentemos, para demonstrar que minha tomada de posição não é fruto de preconceitos, ou de questões pessoais, que nos anos 1976 e 77, dois amigos pediram minha opinião sobre seu desejo de entrar na TFP, em tempo integral (eram casados, e um deles se encontrava no início de uma bela carreira); não me opus com argumentos relativos à vida neste mundo ao seu projeto; ao contrário, alimentei-os com uma certa admiração pela escolha.

Em 1978, um dos meus irmãos ingressou na escola da TFP, na França, e eu não me opus em nada, se bem que fosse possível fazê-lo.

Entretanto, uma série de acontecimentos começou a suscitar, da minha parte, suspeitas sobre a sociedade:

- a veneração do livro *Revolução e Contra-Revolução*, do professor Plínio, fundador da TFP, livro levado em procissão todas as manhãs, na escola;
- as líitanias dedicadas à mãe do professor Plínio, dona Lucília, calcadas sobre as da Virgem Santíssima;
- o famoso Ave dona Lucília, copiado do Ave Maria;
- o desprezo ao sacerdócio;

— a tendência a desencorajar, sistematicamente as vocações sacerdotais.

Depois, descobri outros fatos.

Finalmente, a atitude ambígua dos membros da TFP acabou por destruir em mim toda confiança.

Um exemplo concreto: em 1978, poucos dias antes da Festa do Corpo de Deus, um alto dirigente brasileiro da TFP veio à Itália com um militante francês. Eles se detiveram em Piacenza para ver Giovanni Cantoni, responsável e fundador da *Alleanza Cattolica*; durante mais de duas horas, o dirigente brasileiro da TFP não parou de fazer brindes e elogios à ação da *Alleanza Cattolica*, considerando-a como a esperança da Itália, e qualificando-a como o único movimento de valor presente no país. A refeição terminou, eles prosseguiram viagem para Roma e, durante todo o trajeto, o brasileiro não fez outra coisa senão falar mal de Giovanni Cantoni e da *Alleanza Cattolica*.

Essa atitude estranha é típica da TFP, que manteve durante anos boas relações, seja com a *Alleanza Cattolica*, seja com o centro cultural *Lepanto*, do professor De Mattei, embora as duas associações tenham se separado por causa de posições diferentes em relação ao grave problema do referendo sobre o aborto, em 1981.

Poderia mencionar, ainda, outros fatos desconcertantes.

Em meados de setembro de 1992 fui ao Brasil, onde pude conversar com o clero de Campos, que conheceu bem a TFP. Em São Paulo encontrei-me, também, com antigos militantes.

Durante horas e horas, ouvi testemunhos os mais surpreendentes sobre a TFP, especialmente sobre a veneração de relíquias do professor Plínio. Vi um relicário de prata, com cabelos e unhas do professor! Essas relíquias são venerada por seus militantes. Outrossim, há o culto prestado às relíquias de dona Lucília: o professor guarda ossos debaixo da sua cama. Os restos das refeições do professor são comidos pelos militantes que, antes de consumi-los, fazem uma oração preparatória, e, ao término, uma ação de graças, como se recebessem a santa comunhão. A lista desses exemplos poderia prosseguir.

Quanto ao livro de Agnoli e Taufer, pode-se dizer que contribuiu para desmascarar a TFP, que não passa da fachada oficial da seita secreta *Sempre Viva*, cujos membros fazem voto de escravidão ao professor Plínio.

Já existiam dossiês sobre a TFP: o relatório francês e diversos estudos, em português, publicados no Brasil. Esses estudos foram feitos por antigos membros da TFP, ou por pessoas estranhas ao seu meio.

Poderia-se objetar que os autores, não tendo uma experiência direta, não são qualificados para desmascarar essa sociedade secreta. Na realidade, o estudo em questão se baseia em fatos e textos bem estabelecidos, e, além disso, leva em consideração as relações externas da TFP, às quais são aplicáveis o axioma: “Dize com quem andas e te direi quem és”.

Constitui, pois, uma análise séria e profunda da TFP, que os seus defensores não poderão acusar de calúnia, porque toda a documentação se apóia sobre as publicações oficiais da TFP, e sobre as famosas respostas dadas pelos responsáveis da organização ao relatório francês e ao professor Fedeli.

Alguns perguntam se este livro é oportuno. Teria a TFP, verdadeiramente, uma grande influência? É mesmo necessário provocar divisão entre os grupos que buscam resistir à decadência da sociedade? De fato, a TFP está em decadência, sobretudo no Brasil. A fim de se dar um novo impulso, ela procura novas máscaras.

Na França foi muito propagado o “Avenir de la Culture” (No Brasil, o correspondente é “O Amanhã dos Nossos Filhos” (N.d.t. brasileiro), associação que é uma emanção da TFP, e que luta contra a imoralidade dos programas da televisão. Com habilidade, e com uma imagem bem cuidada, ela sabe tocar nos pontos sensíveis das famílias.

Ela tem sido bem sucedida em obter contribuições financeiras de muitos fiéis, mesmo entre tradicionalistas, que não sabem que apóiam, dessa maneira, a TFP e seus membros. Os fundos que caem, assim, nas caixas da organização não são desprezíveis, como demonstra a aquisição de uma imponente propriedade a uma centena de quilômetros de Paris.

Na Itália, existem, igualmente, associações satélites, como *Luci sull'Est, Famiglia Domani, Lepanto* (responsável pela agência de imprensa *Corrispondenza Romana*), os quais, sob o pretexto de combater por uma causa justa, espalham as idéias da TFP.

É, pois, um dever mostrar, publicamente, o que se esconde por detrás dessas associações, o que é a TFP, e o que há por trás dela. Em suma, denunciar os fatos e as ligações incompatíveis com a fé católica.

É preciso ressaltar, ademais, que a associação *Luci sull'Est* usa, para sua propaganda, uma carta do cardeal Oddi, que um dos seus amigos brasileiros conseguiu obter.

O cardeal, retirou o seu apoio, como foi dito no estudo, mas, a associação continua, ainda hoje, a distribuir abundantemente a carta do cardeal, tomando o cuidado de apagar a data, para dar a impressão de que a carta é recente, enquanto ela remonta a mais de três anos.

O dever de desmascarar a TFP e suas associações é urgente. Face à traição de tantos homens da Igreja, os pobres fiéis atiram-se sobre tudo o que tem aparência de bem, e se deixam enganar.

Agradecemos, portanto, ao doutor Agnoli e ao professor Taufer por terem consagrado seu templo à elaboração deste precioso estudo, que recomendamos vigorosamente que se leia e difunda, como testemunho da verdade e uma ajuda aos fiéis tentados a seguir pelos maus caminhos.

## SEGUNDA PARTE

### Resumo da história da TFP

A TFP foi fundada em 1960, com o nome de Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, por Plínio Corrêa de Oliveira, então advogado, deputado federal e professor universitário em São Paulo, com 52 de idade.

Em 1985 a sociedade se encontrava ramificada em quatorze sociedades-irmãs, instaladas nos países latino-americanos: Argentina, Bolívia, Venezuela, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Uruguai, onde tomou o nome de Lepanto, além do Canadá, Estados Unidos, Espanha, Portugal, França e África do Sul, estando cada uma delas estreitamente ligadas à sociedade-mãe do Brasil<sup>(1)</sup>. Em 1990, a TFP havia se desenvolvido, chegando a contar com escritórios em vinte e dois países.

A mais ativa, e a mais conhecida dentre as TFPs europeias é, sem dúvida, hoje em dia, a seção francesa, não obstante o revés judiciário de 1982<sup>(2)</sup>.

Em 1986, a TFP francesa lançou a associação "Avenir de la Culture" (O Futuro da Cultura), cujo nome foi associado a campanhas de moralização, contra a licença da televisão. Logo após a "queda" do comunismo, ela lançou uma outra campanha, sob o nome de "Lumières sur l'Est" (luzes sobre o Leste), para difundir a mensagem de Fátima nos países do Leste<sup>(3)</sup>.

A fim de tornar mais convincente sua campanha "Luzes sobre o Leste", a TFP juntou à sua mala direta uma carta do cardeal Oddi, na qual aderiu à iniciativa e abençoava seus promotores.

---

(1) - Cfm. *Servitudo ex Caritate*, ed. Artpress e Artes gráficas Ltda. S.Paulo, 1985, p. 169.

(2) - Cfm. *Le Sel de la Terre* 7, p.157, nota 8.

(3) - Trata-se de campanhas destinadas a "criar uma opinião", que empregam o mass-mailing, forma de comunicação adotada pela nova direita americana. Consiste em remeter centenas de milhares de cartas com apelos escandalizantes, e pedindo, ao mesmo tempo, apoio financeiro aos destinatários. Assim, em 1991, conforme informou o boletim de informações do "Avenir de la Culture", Flash nº 16, foram postadas mais de dois milhões de cartas. Para sustentar uma atividade tão consistente, a TFP francesa e sua emanção "Avenir de la Culture", que se gaba de ter obtido 220.000 adesões, e visa estender o *mailing* (mala direta) ao mundo inteiro, deve contar com um suporte financeiro e administrativo de primeira ordem, o que não parece faltar, a julgar pela recente aquisição de uma imponente mansão do Séc XVI, destinada ao Secretário Nacional da Sociedade, em 1992. (Cfm. *Echo Republicain*, 30 de abril-1º de maio de 1992).

Porém, em 27 de junho de 1991, a revista francesa *La Vie* (A Vida) nº 2391, informava aos seus leitores que o cardeal, entrevistado por Giancarlo Zizola, correspondente romano da

publicação, dizia ter sustado a difusão da mensagem por recomendação de um amigo brasileiro, acrescentando: "Reconheço não ter cuidado devidamente das ligações desse movimento com a TFP".

Na realidade, esse prelado não ignorava que "Lumières sur l'Est" e a TFP eram a mesma coisa. Isto se depreende da própria carta, largamente difundida na França, que reproduzimos em apêndice. O que ele certamente ignorava, bem como um grande número de destinatários, eram os ensinamentos secretos e os cultos estranhos da sociedade. Este é, provavelmente, o verdadeiro motivo do arrependimento do cardeal Oddi, que o jornalista de *La Vie* não interpretou corretamente.

Essa ignorância geral da verdadeira face da TFP, levou-nos a considerar a seguinte hipótese: existem ligações entre essa associação e os centros de poder que hoje regem e conduzem os destinos dos povos? E, desde que o coração do mundialismo sinárquico bate na zona anglo-americana, devemos cuidar, com especial atenção, da TFP norte-americana, instalada em Washington.

A alta estima que ela goza, as trocas de visitas, as reconhecidas afinidades, marcaram de maneira verdadeiramente especial as relações da TFP com os neo-conservadores da nova direita americana. Conhecer essa nova direita pode, então, significar conhecer melhor a TFP, suas orientações, seus objetivos, seus homens mais importantes.

Mas, antes de nos engajar nessa empreitada penosa, pedimos ao leitor paciência, não tanto para seguir-nos no dédalo das sociedades maçônicas ou para-maçônicas, onde se desenvolve o fenômeno que está em vias de conduzir a humanidade ao *coagulum* mundialista, mas para aceitar algumas idéias guias e informações úteis para se avaliar, numa perspectiva justa, a filiação a essas sociedades dos diversos personagens que mantêm contato com a TFP.

### Governo Mundial e Hierarquia Mundialista

Ilustres sábios, desde há mais de um século, têm se dedicado a decifrar o plano que visa à unificação da humanidade em uma república universal, sob a dominação de altos iniciados. Esse

poder deseja sentar-se sobre as ruínas de todas as religiões, particularmente o cristianismo, e, sobre a elaboração de um novo culto, relativista e panteísta. Tal plano, do qual as revoluções francesas e americana, no final do século XVIII, foram, apenas, primícias violentas, já era adivinhado em obras de autores do século precedente. Ele é enunciado em termos muito explícitos nas “constituições” da Franco-maçonaria, de 1723, e prevê, após a destruição das formas tradicionais da sociedade, fundadas sobre a religião, a formação de grupamentos sociais artificiais, cada vez mais amplos e homogêneos.

Esses sábios, na maior parte de origem católica, perceberam, no interior das tenebrosas hierarquias da grande conjuração, a distinção que ali se faz entre as esferas da autoridade e do poder.

A *autoridade* é “teocrática”, luciferina, gnóstica. Ela pratica a magia e a ligação com os “espíritos”. Modela, com seu exemplo, os níveis inferiores do poder, pondo-os ao seu serviço. É estritamente circunscrita e desconhecida das sociedades que manobra, sua existência testemunha a terrível veracidade das palavras de S. João: “O mundo inteiro se encontra de posse do maligno”. (1 Jo, 19).

Dessa autoridade emana o *poder*, que se constitui numa espécie de braço secular para a execução do plano. Este instrumento é diversificado em função das circunstâncias. Cabe-lhe gerir e absorver as oposições acidentais. Não está ao abrigo dos golpes, nem dos obstáculos (ver o exemplo da loja P2<sup>(4)</sup>).

As duas esferas se compenetraram, e pode-se falar de presença osmótica<sup>(5)</sup> dos mágicos nos diferentes dispositivos do poder.

O poder, inspirado dessa maneira, apoia-se sobre os recursos da alta finança, ela mesma composta por uma multidão de sociedades ocultas, semi-secretas ou “discretas”, que exercem suas funções nos diferentes níveis, continentais, regionais e nacionais, que lhes são designados.

Os regimes políticos, de base laica, são prolongamentos visíveis de órgãos dissimulados, quer se trate de democracias parlamentares ou das diversas ditaduras, de direita ou de esquerda, que invocam a vontade popular como fonte de sua legitimidade (inclusive as “democracias populares”).

---

<sup>(4)</sup> – P2: Propaganda 2: loja italiana ultra-secretas e muito poderosa, composta de representantes da alta finança, do exército, da mídia. “Dissolvida” há alguns anos, não existe mais, estando seu mestre, o venerável Licio Gelli, no centro de um processo judiciário (N.d.t francês).

<sup>(5)</sup> – Penetração discreta (N.d.t francês).

É muito comum a presença de certos adeptos nas várias sociedades ocultas de diferentes níveis, desempenhando numa o papel de representante de outra, ou de observação.

Esse gênero de sociedades se articula em círculos concêntricos, cujo grau de iniciação decresce à medida em que se afastam do centro. Passa-se, assim, do *Lucis Trust*, verdadeiramente muito próximo do ápice da autoridade, à alta F.M. judia dos *B'nai B'rith*, às ordens martinistas e rosacruzistas, à alta maçonaria britânica *Side Masonry*, enquanto que os soberanos conselhos dos graus 33 reúnem a elite das maçonarias nacionais no nível do poder.

No ápice do poder, encontramos a ONU e a alta finança apátrida que se irradia por órgãos muito poderosos, como a *Pilgrim's Society*, com seus dois grandes ramos britânico e americano; a *Fabian Society* (Sociedade Fabiana), a *Round Table* (Távola Redonda), até os institutos de negócios internacionais. Entre estes, distinguem-se, no mundo anglo-americano, o *Royal Institute of International Affairs* – RIIA (Instituto Real de Negócios Internacionais), e o *Council on Foreign Relations* – CFR (Conselho de Relações Internacionais), verdadeiros governos nas sombras, depositários, de fato, do poder de cada nação.

Além desses, existem círculos político-financeiros intercontinentais, como o *Bilderberg Group* (Grupo Bilderbert), nos EUA; o *Hakone*, na Europa-Japão; e a *Comission Trilatérale*: EUA-Europa-Japão. Ao lado desses círculos se organizam “institutos”, como o *Instituto Internacional de Estudos Estratégicos* de Londres (IISS); círculos intelectuais como o *Aspen Institute*, a *Pugwash*, que com o *International Institute for Applied Systems Analysis* - IIASA (Instituto Internacional de Análise de Sistemas Aplicados)<sup>(6)</sup>, forma a mais importante reunião de sábios do mundo inteiro. Pode-se acrescentar toda uma série de *Symposiums* políticos e econômicos periódicos, durante os quais se trocam em palavras mais ou menos claras, as ordens e diretrizes provenientes das esferas superiores. Enfim, encontramos as baixas maçonarias e as zonas de “pesca”, tais como os divertos *Rotary*, *Lion's Club*, etc.

Para um aprofundamento do assunto, remetemos ao livro de Epiphanius: *Massoneria e Sette Segrete: La Faccia Occulta della Storia* (Maçonaria e Seitas Secretas: A Face Oculta da História), 1991<sup>(7)</sup>, onde os fatos mencionados acima se apóiam sobre numerosas referências e citações.

<sup>(6)</sup> – Fundado entre 1972 e 1975, em Viena. É uma espécie de Trilateral do mundo científico, que reúne sábios americanos, europeus e russos. Depende de financiamentos provenientes das grandes fundações e multinacionais americanas, da CEE e da Rússia (v. também *Il Giornale*, de 24 de junho de 1986). Informa os governos sobre o resultado dos seus estudos.

<sup>(7)</sup> – Pedidos à Adveniat, Casella Postale, St. Justine di Rimini (FO).

Rematemos este giro do horizonte com uma observação:

A expressão "nova ordem mundial" foi lançada no começo do século (XX) por Herbert G. Wells (1886-1946), um alto iniciado da seita (*Golden Dawn* (Aurora Dourada), cenáculo restrito onde se pratica a magia cerimonial, e que contou nos seus quadros com muitos chefes do nazismo. Essa expressão, então desconhecida (falava-se de internacionalismo) só foi, por muito tempo, usada num círculo reduzido de intelectuais, e faz poucos anos que se vulgarizou.

É verdade que a divisa Nova Ordem (e sua referência *novus ordis seclorum* que aparece na nota de um dólar) surgiu no começo do século XX), como título do periódico de Gramsci<sup>(8)</sup>, o inspirador insuspeito das táticas da Trilateral. Ela tornou-se, em seguida, a marca do programa do eixo Roma-Berlim. O nazismo, em particular, proclamou sua ambição de fundar uma nova ordem mundial. Depois da guerra, esse termo caiu em desuso para reaparecer, faz pouco, primeiro na organização de direita "Nova Ordem".

Chega-se, assim, ao ano de 1991, à guerra com o Iraque ("Guerra do Golfo"), que viu os primeiros êxitos da ONU e do poder mundialista numa série de ataques programados<sup>(9)</sup> para neutralizar o nó duro da resistência do terceiro mundo: o Islã<sup>(10)</sup>.

O Islã é, hoje, o único obstáculo real ao governo mundial. A Igreja Católica, na verdade, depois do Concílio não representa mais uma ameaça para ele.

Estamos assistindo, então, o acordo da mídia, inclusive nos países ex-comunistas, revelando no pós-Guerra do Golfo a nova ordem mundial, e apropriando-se do nome para fazer dele uma bandeira. O que se deseja é provocar no homem comum, através dos mecanismos aprovados da propaganda, uma progressiva assimilação da ideia subjacente, considerada como já tendo sido adquirida, e, apenas, vindo à tona.

Ninguém pode negar a existência do complô infernal. A república onusiana parece próxima da sua proclamação e se anuncia, paramentada com os *Direitos do Homem*, como uma

<sup>(8)</sup> - Antonio Gramsci (1891-1937), fundador do partido comunista italiano (N.d.l. francês).

<sup>(9)</sup> - "Haverá muitos Saddam Husseins", é o título da revista alemã *Code*, referindo-se às decisões tomadas em Baden-Baden, 1991, pelo *Bilderberg Group* (nº 11, 1991).

<sup>(10)</sup> - Fazemos eco do conteúdo de um artigo publicado no *Il Sole-24 Ore*, de 22 de março de 1992. O autor, Thierry de Montbrial, segundo o livro *La fine della storia e l'ultimo uomo* (Rizzoli, 1992), de Francis Fukuyama -um puro produto de Harvard e membro do CFR-, escreveu: "Uma coorte de pensadores nos indica, hoje, o novo inimigo: o terceiro mundo. Muito multiforme, possui um nó duro: o Islã". É bom saber-se, também, as qualificações mundialistas de Thierry de Montbrial: membro não somente do clube maçônico e jacobino francês *Le siècle*, mas, também, presidente do IFRI (Instituto Francês de Relações Internacionais) e membro do *Bilderberg Group* e da Trilateral.

sociedade multirracial artificial, desprovida de fé e de memória. Negá-lo, ou simplesmente desconhecê-lo, é fechar os olhos à realidade e condenar-se, na melhor das hipóteses, a uma visão truncada dos acontecimentos que nos agridem em nossa vida de cada dia.

Os que sabem, têm a grave responsabilidade de dizê-la, em cumprimento ao mandamento do Divino Mestre: não guardar a lâmpada sob o alqueire, mas dela se servir para esclarecer os espíritos e guiar os corações.

## A Nova Direita

Nos anos 60-70, desenvolveu-se na América uma corrente dita “conservadora”, nova em relação à linha liberal, e que deveria diferenciar, em consequência, a presidência de Reagan das precedentes.

O personagem chave desse desenvolvimento foi Kristol Irving, cujo itinerário político é bem típico da evolução cultural do pós-guerra: trotskismo nos anos universitários, depois, posição liberal na esteira do partido democrático, por fim, conservadorismo representado pelo partido republicano.

O peso intelectual dos seus principais representantes deu a esse movimento neoconservador uma influência crescente e, de fato, tornou-se um pólo de atração para um grande número de estudantes daquela geração. Um papel preponderante foi desempenhado pelos *Think-Tanks* (depósitos de pensamento), centros de pesquisas e estudos que bem poderiam ser chamados de “bancos de cérebros”, ou “fábrica de idéias”. Não são universitários, mas seu pessoal é recrutado entre os professores universitários, e o ambiente é o de um instituto acadêmico de alto nível. Sem fazer parte do aparato político (*policy makers*), com ele mantêm, e com os *midia* (*opinion makers*), relações constantes. Importam sábios e os exportam nas esferas governamentais.

É assim que a Brooking Institution, nº 1 dos *think-thanks*, tem favorecido com conselheiros econômicos e outros especialistas os presidentes democratas. Sob o governo Reagan, um dos dois maiores *think-thanks* conservadores, o *American Enterprise Institute* (AEI), colocou quarenta dos seus membros nos diferentes órgãos do governo. O outro, o *Heritage Foundation*, doze.

O mecanismo funciona, também, em sentido inverso, como “parque de estacionamento” para os políticos que devem ceder seus lugares sem renunciar em voltar.

É assim que, por uma notável convergência de destinos, o republicano Henry Kissinger (Secretário de Estado de Nixon), e o democrata Zbigniew Brzezinski (conselheiro de Carter), entraram, ambos, no *Center for Strategic and International Studies* (CSIS), um think-tank de “direita”. Este, por ser de toda conveniência, “exportou seu presidente, David Abshire, como embaixador de Reagan junto à OTAN.

O fundador do CSIS foi o conselheiro em assuntos internacionais Richard Vincent Allen, formado pelos jesuitas, pró-comunista na juventude. Foi substituído por Brzezinski como conselheiro do governo Reagan<sup>(11)</sup>.

David Abshire era presidente da multinacional *Procter and Gamble*, e pertencia a círculos mundialistas como o CFR, o IISS e a Comissão Trilateral.

O CSIS (de direita) e a *Brooking Institution* (de esquerda) pertencem, ambos, a Trilateral.

Quanto aos *fundadores da nova direita americana*, eles são procedentes da esquerda liberal.

Dentre os mais importantes se alinham:

– Bill Daniel, sociólogo, israelita, membro do CFR e do conselho de administração de uma universidade, cujo presidente, Dilworth J. Richardson, é membro da *Pilgrim's Society* e da *Rockefeller Center Inc.*<sup>(12)</sup>

– Blazer Nathan, sociólogo, israelita, membro do CFR<sup>(13)</sup>.

– Lipset Seymour Martin, sociólogo, israelita, membro da *Hillel Foundation*, filial da *B'nai B'rith*<sup>(14)</sup>.

– Kristol Irving, um dos conservadores do neo-conservantismo sionista<sup>(15)</sup>, redator do *Commentary Magazine*, órgão oficial do *American Jewish Committee* (Comitê Judeu-americano), membro do CFR., etc.

(11) – Yann Moncomble. “*A Irresistível Expansão do Mundialismo*”. Paris. 1981. p.108.

(12) – Id. “*Os Verdadeiros Responsáveis pela Terceira Guerra mundial*”. Paris. 1982. p. 308.

(13) – Pierre Faillant de Villemarest. *Lettre d'information* nº 8. 1991.

(14) – G. Virebeau: *Mais qui gouverne l'Amérique?*, Paris. 1991. p. 33. Lembramos que a *B'nai B'rith*, aristocracia judia com mais de meio milhão de membros repartidos pelo mundo, é a mais poderosa organização judia, bem como da *Maçonaria*, da *Pilgrim's Society*, da *Trilateral*, do *CFR*, etc., que lhe servem de correios de transmissão. Preside a execução do plano sinárquico que queria gerar, desde antes do ano 2000, um governo mundial tendo Jerusalém como capital.

(15) – Cfm. *Code* nº 11. 1991. *Code* é uma revista de lingua alemã que possui um grupo internacional de colaboradores: jornalistas, historiadores, revisionistas, e, de vez em quando, rabinos anti-sionistas.

– Norman Padhoretz, redator-chefe do *Commentary Magazine*, membro da intelligentsia judia de New York, e vedete da nova direita. Pertencendo ao CFR, ele é, sobretudo, membro ativo do *B'nai B'rith*. Ao *B'nai B'rith* pertencem os grandes financistas internacionais, como Jacob Schiff, Félix Warburg, Otto Kahn, etc., que nem por isso deixaram de sustentar a revolução bolchevique.

Norman Padhoretz pertence, também, à direção do *Committee for the Present Danger* - CPD (Comitê de Denúncia do Perigo), fundado em 11 de novembro de 1975, após a vitória eleitoral de Jimmy Carter, por Eugene V. Rostow, israelita de origem russa que não escondia suas idéias socialistas avançadas<sup>(16)</sup>, diretor do *American Jewish Committee*, membro eminente do CFR e dos Círculos Bilderberg, e, por James Schlesinger, israelita convertido ao luteranismo<sup>(17)</sup>, Ministro da Defesa no governo Ford, membro, também, do CFR e da *Rand Corporation* (*think-tank*).

O CPD ilustra perfeitamente a progressiva mudança de cara, na medida em que se galga o poder, da distinção entre direita e esquerda, que desaparece, finalmente, nos níveis superiores numa *coincidentia oppositorum* (coincidência dos opostos). Direita e esquerda são, apenas, apêndices exotéricos que permitem encenar a comédia aos olhos do vulgo. Como escreveu o economista Charles Levinson, nos anos 70: “O Estado, o governo, são abstrações. O que existe é um certo número de indivíduos, ligados a partidos, que refletem as mesmas forças dominantes, qualquer que seja sua coloração política<sup>(18)</sup>”.

O CPD é um dos numerosos exemplos dessa maneira de empregar grupos diversos, criados segundo as necessidades, e prontos a voltar à sombra uma vez cumprida sua missão<sup>(19)</sup>. Seu programa era “visualizar os meios para eliminar o perigo de uma União Soviética em pleno rearmamento, se necessário pela programação de uma guerra limitada, sem vitória<sup>(20)</sup>”.

<sup>(16)</sup> – J. Bordiot, *Une main cachée dirige*, Librairie française, Paris, 1976, p.251.

<sup>(17)</sup> – *Tribune Juive*, de 18 de janeiro de 1977.

<sup>(18)</sup> – C. Levinson, *Vodka-Cola*, L.d. Vallecchi, 1978, p.259.

<sup>(19)</sup> – Foi o caso da *Internacional para a Resistência*, fundada em Paris, em 1983, sob a égide da esposa de Norman Podhoretz (Midge Rosenthal Decter), membro do CFR e da *Heritage Foundation*. Esta organização tinha por objetivo declarado combater o comunismo naquilo que ele buscava se impor pela chantagem da guerra mundial. Mas, para garantir a unidade de ação, colocou-se ao seu lado um comitê de apoio que contava nos seus quadros com personagens cuja vontade de combater, realmente, o social-comunismo, causava perplexidade. Entre eles: Raymond Aron, Bernard Henry Lévy e Marguerita Boniver, militante do partido socialista italiano, todos os três membros de sociedades mundialistas.

<sup>(20)</sup> – *New Republic*, revista americana próxima dos círculos sionistas, dirigida por longo tempo por Walter Lippmann, 27 de novembro de 1976.

Em poucas palavras, seria uma iniciativa visando a confortar os círculos conservadores “de direita”, enfraquecidos por anos de “detente”, na sua confiança no papel de superpotência dos Estados Unidos. Nascido na época da administração Carter, ela se propôs a informar os americanos sobre o perigo de negociar com a União Soviética a propósito das armas estratégicas, e cortar o orçamento da Defesa. De modo que, quando o presidente Reagan se instalou na Casa Branca, trinta e dois membros do CPD foram nomeados para cargos importantes na política estrangeira e na área da Defesa.

Se observarmos de perto alguns personagens importantes desse CPD, constataremos sua participação nos centros mundialistas.

– Paul Henry Nitze, ex-Ministro da Marinha, que não temia preconizar, na revista da ultraprogressista CFR, *Foreign Affairs* (janeiro de 1976), uma guerra nuclear limitada, sem vitória. Simultaneamente, se proclamava “partidário convencido da transferência de forças americanas à ONU<sup>(21)</sup>”. A contradição é aparente, e, uma vez mais, se resolve nos círculos superiores aos quais Nitze pertence<sup>(22)</sup>.

– Henry H. Fowler, sócio do poderoso banco judeu de New York Goldman Sachs, membro do CFR, e diretor da Fundação Carnegie para a Paz.

– Fred C. Ikle, do CFR, do Harvard Center for International Affairs e da Rand Corporation, o maior Think-Tank governamental, presidido pelo trilateralista Donald B. Rice. Ikle foi Subsecretário de Estado da Defesa e Conselheiro de R. Reagan.

– Maxwell D. Taylor, general americano, membro do comitê executivo da *Pilgrim's Society*.

– Dean Rusk, dos Rhodes Scholars, presidente da Fundação Rockefeller, que promoveu, no mundo inteiro, o controle de nascimentos e a banalização do aborto, entre 1952 e 1960, membro do CFR e do comitê executivo da *Pilgrim's Society*.

– David Packard, membro das fundações conservadoras *Hoover Institution* e AEL, da Trilateral, da USTEC<sup>(23)</sup>, do *Chase* dos Rockefeller, e da muito poderosa Business Round Table, que reúne as mais poderosas multinacionais da América.

(21) – J. Bordiot, *Une main cachée dirige*, Librairie française, Paris, 1976, p.251.

(22) – P. Faillant de Villemarest, *Lettre d'information* n° 137, 1987

(23) – Organização de homens de negócios, representando mais de 300 grandes sociedades comerciais, fundada em 1973 para desenvolver o comércio entre os Estados Unidos e a Rússia; liquidada em 1991 por ter se tornado inútil após a queda do comunismo

– Clarence Douglas Dillon, banqueiro de Wall Street, presidente, após 1972, da Fundação Rockefeller, e, após 1970, da *Brooking Institution*, nº 1 dos *Think-Tanks* de esquerda, presidente do Instituto para uma Ordem Mundial<sup>(24)</sup>, membro do CFR, do *Bilderberg* e do comitê executivo do *Pilgrim's Society*.

– Jane Duane Jordan Kirkpatrick, embaixadora de Reagan na ONU, depois de ter ensinado ciências políticas na Universidade Georgetown, com Kissinger e Brzezinski, conservadora e anticomunista declarada, membro da AEI (*think-tank* de direita), e, também, da Trilateral. Sua presença foi notada numa das sessões anuais do *Bilderberg*, na Suíça, em maio de 1981<sup>(25)</sup>. Em 1982, recebeu o prêmio da *B'nai Brith* para a filantropia.

Eis o belo mundo que constituiu, de algum modo, o *humus* sobre o qual pôde desenvolver-se a nova direita americana, graças ao agregado eleitoral etiquetado de “conservador”, inclusive a componente do tradicionalismo religioso. Esse agregado se reconhecia na revista *National Review*, de New York, fundada por William F. Buckley.

Buckley, antigo funcionário da CIA, de orientação sionista, pertence ao CFR e ao ramo americano da Ordem de Malta, mas, principalmente à *Skull and Bones*, sociedade secreta de altos iniciados que deseja recolher a herança dos Iluminados da Baviera, e conta entre seus filiados o grau 33 George Bush. Ele é, também, membro do *Mount Pelerin Society*, ao lado de personagens como o presidente da *Heritage Foundation*, Edwin J. Feulner, de quem falaremos mais adiante.

A principal revista da nova direita é a *Commentary Magazine*, de Podhoretz e Kristol, dos quais já falamos. Segundo a revista alemã *Code, Commentary*, revista judia, exerceu enorme influência sobre o conservadorismo no *Establishment*, e cooptou, mentalmente, uma geração inteira de formadores de opinião pública, não judeus, e reputados como conservadores.

O *Commentary Magazine* é o pendão intelectual do Lobby judeu *American Israel Public Affairs Committee* – AIPAC, que sob Bush contou com 70 vozes no senado e 330 no congresso<sup>(26)</sup>.

<sup>(24)</sup> – P. de Villemarest. *Lettre d'information* nº 11, 1986.

<sup>(25)</sup> – Y. Moncomble. *A Irresistível Expansão do Mundialismo*, Paris, 1981, p.108.

<sup>(26)</sup> – Ver *Lectures Françaises* nº 415, p. 24, que citando *Tribune Juive* de 18 de outubro de 1991, diz que a eficácia da AIPAC é lendária. “uma eficácia à americana, que não se prende, como faria na França (sic), com argumentos éticos, bons sentimentos e outras amenidades da civilização policiada”. Um “brain trust” de cem tendenciosas, mas habilmente redigidos, os seis homens de confiança encarregados de contactar os ministérios, os parlamentares e a mídia, e de “fazer valer seus argumentos àqueles que os ouvem – e mesmo a quem não quer ouvi-los”.



Henry Kissinger, o destruidor do Líbano cristão, e seu amigo William F. Buckley.

Interior da sala de reuniões do Grande Colégio dos Ritos, na sede do Grande Oriente da França.



Legenda: as cabeças da morte e as tibias são parte integrantes do simbolismo maçônico e se referem ao “gabinete de reflexão”, onde se deixa o candidato só, antes dele recebe a iniciação do 1º grau.

O “irmão” Jules Boucher, no seu tratado “O Simbolismo Maçônico”, explica que o símbolo significa a morte do profano, sua ruptura com as idéias precedentes, sobretudo se se tratam de idéias cristãs, a fim de preparar-se a um novo nascimento e atingir, através da putrefação alquímica, o ciclo de transmutação que deverá fazer dele um homem novo: o franco-maçom, o homem que em nome da Gnose, descartado de toda religião, proclama sua própria e pessoal divindade.

Observe-se que esse símbolo tornou-se parte importante da coreografia fascista, que tirou, também, da simbologia maçônica dos Shriners, o fêz e o machado de lictor, para representar a Aliança Republicana Universal do famoso sectário Giuseppe Mazzini. As origens mazzinianas do fascismo são múltiplas e declaradas.

## A TFP e a Nova Direita Americana

Em 26 e 27 de abril de 1985, ocorreu em Dallas (Texas) uma reunião do *Board of Governors do International Policy Forum* (Conselho Diretor do Forum de Política Internacional). Segundo o boletim das 15 TFP (nº 5), o *International Policy Forum* (IPF), é “uma prestigiosa organização da nova direita americana, que tem por objetivo promover contatos e intercâmbios culturais entre organismos e líderes conservadores, americanos e estrangeiros”. O prof. Plínio Corrêa de Oliveira, que é membro do IPF<sup>7)</sup>, assim saudou os participantes: “Tenho bem presente o espírito com que esta reunião se realiza na América do Norte, sob a iniciativa e com o acolhimento fraternal dos nossos amigos comuns da nova direita, que possuem títulos bem merecidos dos seus países, e, portanto, do Ocidente e do mundo inteiro”.

Em seguida, por iniciativa da TFP brasileira, e do seu representante em Washington, foram convidados a São Paulo, à sede central da sociedade, quatro líderes da Nova Direita: Paul Weyrich, Morton Blackwell, Henri Walther e William Kling. Durante a visita, ocorreu uma conferência, presidida por Plínio Corrêa, no *Sheraton Hotel*, sobre a política americana.



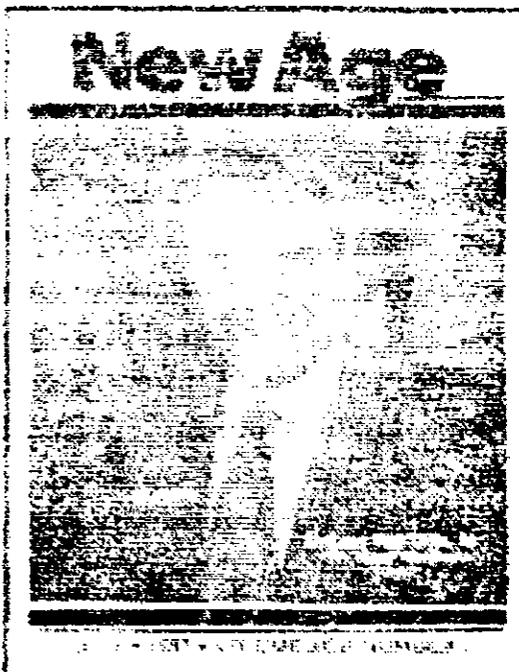
Da esquerda p. a dir.: H. Walther, P. Weyrich, Plínio Corrêa de Oliveira, M. Blackwell, W. Kling.  
Ao fundo, entre dois estandartes com as armas da TFP, vê-se a imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho de Genazzano (N.d.t. francês).

Paul Weyrich, na sua intervenção, não deixou de expressar calorosos elogios à finura da TPP, hipotecando-lhe uma lisonjeira confiança:

“Nas nossas batalhas, tanto nos Estados Unidos, quanto no resto do mundo, a TFP constituiu uma das organizações confiáveis, verdadeiramente coerentes, com as quais podemos nos associar”<sup>(28)</sup>.

A revista *Catolicismo*, órgão oficial da TFP, dá uma curta apresentação dos convidados. Paul Weyrich é descrito assim: “Um dos criadores do conceito de Nova Direita, fundador e presidente da prestigiosa *Heritage Foundation*, que tanto influenciou as decisões do governo Reagan. Ele é, hoje, presidente da *Free Congress Foundation*. Reúne-se, semanalmente, com dezenas de senadores e deputados para debater assuntos de interesse comum. O senador Robert Dole, líder do partido republicano no Senado, afirmou que “P. Weyrich é o conservador chave em Washington para trabalhar o conjunto dos diferentes grupos, a fim de realizar *nossos objetivos*”.

De quais objetivos e batalhas se trata, então, quando se diz que o senador metodista Robert Joseph Dole é titular, bem como seu presidente George Bush, do grau 33 do rito escocês antigo e aceito?



Capa do magazine *New Age*, julho de 1987, a foto é do senador Bob Dole, com seu grau 33. *New Age* foi o título da revista oficial do rito escocês americano da jurisdição sul, até ser mudado para *The Scottish Rite*<sup>(29)</sup>.

A colaboração com os representantes da Maçonaria, de qualquer forma que seja, é e obrigação dos políticos americanos. O próprio Weyrich foi, entre 1973 e 77, assistente do senador Carl Thomas Curtis, maçom e membro dos *Odd Fellows*<sup>(30)</sup>.

(28) – Cfm. *Catolicismo*, outubro de 1988.

(29) – A mesma foto apareceu na p.26 do opúsculo de Georges Vircbeau, *Mais qui gouverne L'Amérique?*

No final dos anos 70, P. Weyrich já era um representante importante da Nova Direita, e um dos principais colaboradores da *Religious Roundtable* e da *Moral Majority*, órgãos de ligação entre a direita política e a direita religiosa. A *Religious Roundtable* (Mesa Redonda das Religiões) foi fundada por Edward Mc Ateer, animador do *Conservative Caucus* (pequeno círculo político de conservadores ao qual P. Weyrich também pertencia), com o objetivo de trabalhar com temas especificamente morais. A *Moral Majority* e a *Religious Roundtable* tinham espírito ecumênico. Nos seus quadros militavam, em pé de completa igualdade, católicos romanos, como Richard Viguerie, católicos de rito grego, como P. Weyrich, israelitas como Howard Philips, de um grupo de pressão conservador<sup>(31)</sup>, batistas, protestantes de todos os tipos.

Hoje em dia, P. Weyrich é o presidente do IPF e da *Free Congress Foundation* de Washington, além de, naturalmente, ser membro eminente da *Heritage Foundation*.

Fui na sede da *Free Congress Foundation* que a TFP norte-americana apresentou, em 1986, a Paul Weyrich e Morton Blakwell seu estudo sobre a reforma agrária do Brasil<sup>(32)</sup>, a respeito da qual o capitalismo americano não é insensível, coincidindo seus interesses com a defesa das grandes propriedades territoriais desse país. Muito significativa é a viagem que o presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello fez, logo após sua eleição, aos Estados Unidos. Ele se encontrou, no *Waldorf Hotel*, hotel da alta finança mundialista, com numerosos capitães de indústria americanos, especialmente com David Rockefeller, Henry Kissinger, e o presidente do Conselho Mundial, juiz Edgar Bronfman.

Qualquer oposição à reforma agrária do Brasil é bem vista pelo grande capitalismo açambarcador, pronto a servir-se do conservadorismo religioso, baseado em que este possa ser decorrente da doutrina social da Igreja.

“A isso se acrescenta, comenta a revista católica *Sous la Bannière*<sup>(33)</sup>, que em 1993 deverá ocorrer um *referendum* sobre o futuro regime do Brasil: república presidencial, república parlamentar, ou monarquia parlamentar. A família Orleans e Bragança, apeada do poder em 1888, prepara-se para,

---

<sup>(30)</sup> – Who's who in América. 1990-91. Os Odd Fellows (literalmente: os Companheiros Bizarros), operam nos EUA a partir de 1819, constituindo, depois da Maçonaria, a segunda fraternidade em importância numérica. (Cfm. Moramarco: Nuova Enciclopédia Massonica, 1989, p. 361).

<sup>(31)</sup> – Cfm. Yann Moncambé. L'irrésistible expansion du mondialisme. Paris, 1981, p. 102, e Pierre de Villemarest. Lettre d'information n° 14, 1988.

<sup>(32)</sup> – V. Boletim das 15 TFP, n° 6.

<sup>(33)</sup> – N° 39, jan-fev de 1992, a revista é dirigida por A. M. Bonnet de Viller, 18260 Villegenon.

nessa ocasião, recuperar o trono. Um dos seus príncipes, segundo na ordem de sucessão<sup>(34)</sup>, é membro eminente da TFP brasileira e nela desempenha um papel ativo e de alta responsabilidade. Ele reivindica pertencer à Tradição, seguramente<sup>(35)</sup>.

Registremos, por fim, que Paul Weyrich, recentemente, fez parte de uma delegação da Heritage Foundation enviada à Rússia, com ajuda do governo americano, e sob os auspícios financeiros da fundação Rockefeller, incomodamente conhecida por ter espalhado pelo mundo inteiro a contracepção artificial e o aborto legal.

### Outra companheira de viagem da TFP:

#### *A Fundação Heritage*

A leitura das publicações da TFP mostra com quanta estima, e respeito, os seus representantes gratificam a *Heritage Foundation*, ora a qualificam de “muito prestigiosa”, ora vêem nela um “think-tank” conservador altamente respeitado<sup>(36)</sup>, bem como se gabam de certa afinidade com essa instituição.

A *Heritage Foundation* se inscreve, de pleno direito, no movimento da Nova Direita americana. Criada em 1973, graças a Paul Weyrich, com fundos postas à sua disposição pelo ramo Scaife da dinastia dos banqueiros Mellon, de Pittsburg, e por Joseph Coors, magnata da cerveja do Colorado.

É uma das principais fábricas de idéias conservadoras da nova direita. Engrossou o coro daqueles que reprovam o governo americano de não fazer face ao “constante e iminente perigo de uma agressão comunista<sup>(37)</sup>”.

---

<sup>(34)</sup> – Trata-se do príncipe Bertrand: v. *La Stampa*, de 13 de agosto de 1992.

<sup>(35)</sup> – Esse referendun ocorreu em 21 de abril de 1993, descartando o restabelecimento da monarquia, a qual não mudaria nada (N.d.t. francês). O último imperador do Brasil, Pedro II, descendente da casa portuguesa de Bragança, foi muito aberto às idéias liberais, a ponto de “desdenhar as aparências da monarquia. Chamava-se a si próprio como o mais republicano dos monarcas (Enc. Italiana, vol. 7, ed. 1949, art. “Brasile”. Em 1878, ele chamou ao poder os liberais, que dessa maneira fizeram valer suas teses favoritas: naturalização, casamento civil, secularização dos cemitérios, etc., e votaram a nova lei eleitoral”, (ibid.)Esses liberais, indo até o fundo da sua lógica revolucionária, acabaram por derrubar o imperador que, em 1889, exilou-se na Europa. O Brasil tornou-se uma república parlamentar, com uma constituição inspirada na constituição dos Estados Unidos da América do Norte.

<sup>(36)</sup> – Swa Namibia: Dawn or Dusk? Aos cuidados da TFP sulamericana, impresso no Canadá, 1989, p.37.

<sup>(37)</sup> – G. Reeves. The Reagam Detour, 2ª ed., Simon and Schuster, N.Y., 1985, p.24.



Plínio Corrêa de Oliveira e Paul Weyrich, durante encontro em S. Paulo, em agosto de 1988

Comentário: Paulo Weyrich, controlado, hoje em dia, pelos neoconservadores, está engajado, sobretudo, em todas as iniciativas que buscam fundos em favor de Israel, e no apoio ativo na fase de colaboração entre os Estados Unidos e a Rússia ex-soviética, tudo em vista da nova

ordem internacional. Nesta perspectiva Weyrich utiliza, entre outras, a *Heritage Foundation* e sua fundação pessoal, a *The Free Congress Research and Educational Foundation*, o *Esalan Institute* e o *Huxley's Institute*, instituições californianas que se colocam sem reservas no movimento *New Age*, o qual, por sua vez, busca substituir o mundo ocidental cristão por uma sociedade inteiramente nova, afastada de qualquer lei divina.

Paul Weyrich mantém, também, contatos diretos com Boris Eltsine, cuja recente viagem à América foi financiada, principalmente, pelo *Esalan Institute*, com a concordância de Weyrich. Muito significativa, também, são as relações estreitas e a colaboração entre Weyrich e James Garrison, membro do *Esalan Institute*, diretor do *Committee for Soviet American Dialogue (CSAD)*. Garrison foi o organizador da turnê de Gorbatchev aos Estados Unidos. Pierre de Villemarest, na *Lettre d'Information* nº 6, 1992, nos informa que Garrison, em certa ocasião, recebeu fundos dos Rockefeller e das fundações Carnegie, Mellon, Ford, MacArthur, bem como foi beneficiado com as presenças ativas de personalidades do CSAD, onde está o padre Dolan, e que sedia, também, a direção do Templo da Compreensão, em N. York, emanação do *Lucis Trust* junto às Nações Unidas. O padre Dolan vai a Moscou de seis em seis semanas. Ele organizou, em 1988, uma “festa da amizade de fevereiro, em N. York, quando várias dezenas de representantes das elites soviéticas se encontraram, durante duas semanas, na *Catedral Saint John the Divine*, sede do *Lucis Trust*. Lembremos que o *Lucis Trust*, fundado em 1922 pela Teósofa Alice Bailey, sob o nome original de *Lucifer Trust*, que foi mudado logo em seguida para não assustar o público, é uma organização muito próxima dessa *autoridade* teocrática que controla o *poder*<sup>(38)</sup>.

<sup>(38)</sup> – Cfm. Epiphanius, op. cit.

Desde 1977 ela tem por presidente Edwin John Feulner Jr. Esse tal Feulner não é nada conservador. Foi aluno da *London School of Economics*, a “maior escola marxista da Inglaterra<sup>(39)</sup>”. É membro do IISS (*International Institute of Strategie Studies*) de Londres, que, aliás, financia a *Heritage Foundation*<sup>(40)</sup>, que se situa na órbita da Trilateral. O IISS foi fundado pelos mundialistas britânicos da *Roundtable*, com uma contribuição decisiva da fundação Ford<sup>(41)</sup>. É permanentemente financiado pela Fundação Ford e pelo *Council on Foreign Relations*. A fundação *Ford* é o organismo que, em 1967, gabou-se de ter feito as massas aceitarem, eficazmente, o controle dos nascimentos e de ter condições de condicionar, nessa posição, os próprios legisladores no mundo inteiro<sup>(42)</sup>.

Os vários títulos de Feulner, e suas numerosas filiações (*Hoover Institution; Republican Study Committee; Credit International Bank; Sarat Scaif Foundation; Mount Pelerin Society; Cavaleiros de Malta; Union League de N. York, etc.*), fazem dele um desses personagens polivalentes dos quais as grandes instâncias maçônicas podem se servir nos grandes momentos.

Dentre os membros da *Heritage Foundation* encontra-se, também, Midge Decter, esposa de N. Podhoretz<sup>(43)</sup>, e Richard Allen. Yann Moncomble assinala, também, Shelby Cullom Davis, da *Pilgrim's Society*<sup>(44)</sup>.

No grupo de personalidades que passaram pela *Heritage Foundation*, e que gozaram do apoio necessário para ascender ao governo, ressalta a figura do maçom Jack Kemp, representante do Estado de N. York, e diretor de um departamento ministerial no governo George Bush<sup>(45)</sup>.

A *Heritage Foundation* tornou-se um dos principais sustentáculos do sionismo americano e da ajuda a Israel. A esse respeito é necessário lembrar a declaração feita pelo *Washington Observer*, de 15 de dezembro de 1969: “a maioria das pessoas pensa que o objetivo do movimento sionista é prover, aos refugiados judeus, uma pátria na Palestina. Seu verdadeiro objetivo é a obtenção do controle total do mundo por meio de um governo mundial”.

---

<sup>(39)</sup> – Yann Moncomble. *La Trilatérale e les Secrets du Mondialisme*. Paris. 1980. p. 57.

<sup>(40)</sup> – *Ibid.*, p. 199.

<sup>(41)</sup> – Yann Moncomble. *La Mafia de Chrétien de Gauche*, ed. Moncomble, 1985. p. 57.

<sup>(42)</sup> – *Icfm. Life*, 9 junho 1967. p.66.

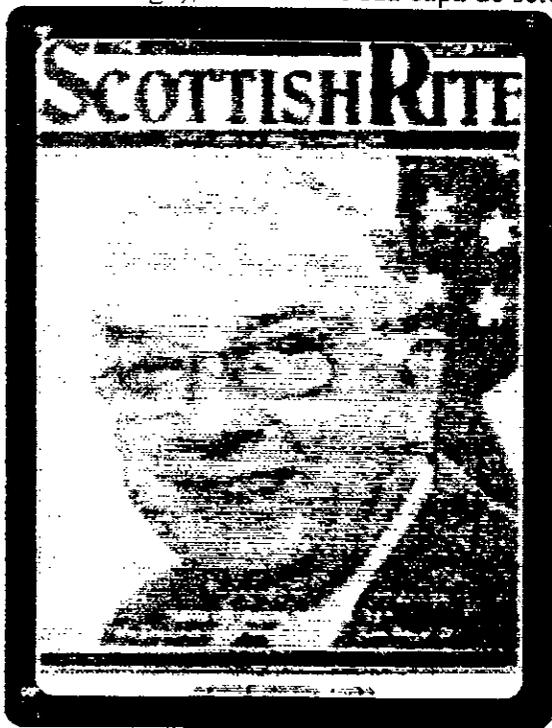
<sup>(43)</sup> – O assunto já foi tratado mais acima.

<sup>(44)</sup> – Yann Moncomble. *Les Vrais Responsables de la Troisième Guerre Mondiale*. Paris. 1982. p.308.

<sup>(45)</sup> – George Virabeau. *Mais que Gouverne L'Amérique?* Pub. Henri Coston. Paris. 1991. p.30.

Richard Viguerie e Paul Weyrich foram os principais organizadores da nova direita, desenvolvendo suas atividades no domínio da comunicação com os eleitores e naquele outro da coleta de fundos destinados aos candidatos a serem apoiados. Muito eficaz, nesse sentido, foi a campanha realizada por Richard Viguerie, em 1978, para a reeleição do senador “conservador” Jesse Helms, da Carolina do Norte, muito apreciado pela TFP por causa da sua defesa dos valores éticos ameaçados pelo comunismo<sup>(46)</sup>.

Essa denúncia deve ser levada em consideração, pois se lê no *Who's who*<sup>(48)</sup> que Jesse Helms, importante representante do *lobby* do tabaco no congresso americano, é representante republicano cogitado para o comitê da agricultura no senado”, se confessa maçom do grau 32 do rito *Shriners*, enquanto *The Scottish Rite*, revista do rito escocês antigo e aceito (anteriormente intitulada *New Age*), dedicou-lhe sua capa de setembro de 1990, qualificando-o como 33.



O senador Jesse Helms na capa de *The Scottish Rite*, de setembro de 1990, com a menção 33º<sup>(49)</sup>.

Comentário: protegido pela poderosa família dos Gray, que controla a produção de tabaco na Carolina do Norte, Jesse Helms deve sua última reeleição ao senado dos EUA, à AIPAC, o *lobby*, judeu de pressão no congresso americano, que conta com 20.000 militantes<sup>(50)</sup>.

## As Campanhas de Imprensa da TFP

“Em dezembro de 1981, as Sociedades de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, de treze nações, enviaram ao mundo uma *mensagem intitulada*: ‘O Socialismo Autogestionário:

<sup>(46)</sup> – Um comunicado de apoio às atividades a TFP., da parte de Jesse Helms, foi publicado no órgão da TFP americana, *TFP Newsletter*, nº 10, de março 1988.

<sup>(47)</sup> – *Cristianità*, órgão da Alleanza Católica, nº 155, março 1988.

<sup>(48)</sup> – Lista de personalidades da política, da economia, da cultura, dos espetáculos, etc. (...), ilustrada com uma biografia de cada um, proposta, o mais das vezes pelos próprios interessados.

<sup>(49)</sup> – Ver também Georges Virabeau, *Mais qui gouverne L'Amérique?* H. Coston, Paris, 1991, p.28.

<sup>(50)</sup> – Cfm. Pierre de Villemarest, *Lettre d'Information* nº 4, 1992.

Face ao Comunismo. barreira ou cabeça-de-ponte?”, obra do grande pensador brasileiro e *leader* católico de renome mundial, o professor Plínio Corrêa de Oliveira. Essa mensagem foi publicada em quarenta e nove jornais de dezenove países, do mundo inteiro, em seis línguas: italiano, francês, inglês, alemão, espanhol e português.

“Em fevereiro de 1982, as mesmas associações publicaram um *comunicado* denunciando a restrição de liberdade que se estava instalando na França em consequência da aplicação do socialismo autogestionário do presidente Mitterrand. Esse comunicado, também de autoria do professor Plínio Corrêa de Oliveira, foi intitulado, na França: ‘o punho estrangula a rosa.’ Foi publicado por trinta periódicos de treze países, nas mesmas línguas.

“Um resumo muito sintético dos dois documentos foi publicado, em seguida, a partir de fevereiro de 1982, em noventa e dois jornais ou revistas de quarenta e nove nações, desta feita em onze línguas: italiano, espanhol, africâner, dinamarquês, espanhol, francês, inglês, norueguês, português, sueco e Vietnamês <sup>(51)</sup>”.

A difusão da “*mensagem*” foi comentada, no mesmo número do *boletim* das 15 TFP, desta maneira:

“Convém ressaltar que, em nenhum órgão importante da imprensa mundial houve refutação à mensagem. É um sinal incontestável da solidez da sua argumentação. Se bem que o texto tenha sido solicitado por numerosas universidades, a TFP não recebeu delas qualquer refutação que fosse. É como se o monumental estudo do professor Plínio Corrêa de Oliveira estivesse, por assim dizer, tomado a força de coisa julgada. Será, talvez, pela primeira vez na história, uma “tese de doutorado” de caráter mundial.

“O silêncio dos oponentes é eloqüente.”

A mensagem, severa crítica ao governo socialista francês, publicada na Itália em seis páginas inteiras do *Il Tempo* e do *Il Giornale Nuovo*, de 13 de janeiro de 1982, fora publicada, pela primeira vez, em 9 de dezembro de 1981, de boa fé, no *Washington Post*, no *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, em 13 de dezembro no *New York Times*, no *Le Figaro*, e muitos outros jornais.

A partir de 1982, começou a ser difundido pelo *Reader's Digest* que atinge cerca de sessenta e quatro países. Segundo a TFP, foi difundido, no final, por cento e quinze diários ou revistas de sessenta e nove nações.

---

<sup>(51)</sup> – Boletim das TFP nº 15, ano 1, nº 2.

A operação deve ter sido terrivelmente custosa. Segundo a revista brasileira *Isto É*, de 5 de setembro de 1984, a publicação no *Washington Post*, só ela, teria absorvido US\$ 50.000,00, quantia doada por dois proprietários de imóveis do Texas, membros da *Foundation of Cristian Civilisation*, emanação da TFP norte-americana.

Por certo, essa quantia parece modesta para um jornal de tal importância. E, sobretudo, é de se acreditar que esses jornais aceitassem publicar, com abatimento, idéias e proposições tão incompatíveis com sua linha geral ultralaicista? Além do mais, idéias expostas em termos tão convincentes, a ponto de abrir brechas nessa linha sem deixar espaço para as objeções!

Aí tem algum mistério.

Para mostrar a que ponto essas publicações são surpreendentes, bastará pesquisar as matrizes políticas, financeiras e sectárias do *New York Times*, do *Washington Post* e do *Reader's Digest*.

O *New York Times*, o mais famoso dos jornais dos Estados Unidos, exerce uma influência excepcional, não somente naquele país, mas em todo o Ocidente. Sua história é, sucintamente, narrada por Henri Coston em *Le veau d'or est toujours debout*<sup>(52)</sup>, ao qual nos remetemos para as citações. Está nas mãos da riquíssima família israelita dos Sulzberger, cujos laços com os *B'nai B'rith* são notórios<sup>(53)</sup>, e que controla cinquenta e três empresas jornalísticas, muitas cadeias de rádio e televisão, as quais rendem à família quatrocentos e cinquenta milhões de dólares anualmente. É, igualmente, co-proprietária do *International Herald Tribune*, que leva ao exterior a palavra do *New York Times*, bem como do *Washington Post*. O *New York Times*, bandeira da burguesia liberal judia, é internacionalista e serve, desde o início do século XX como órgão de expressão da *Round Table*, círculo exterior de uma sociedade secreta fundada por Cecil Rhodes, com o objetivo claro de conquistar o mundo para a supremacia anglo-americana, por meio do socialismo da *Fabian Society*.

O jornalista francês Jacques Bordiot, bom conhecedor das coisas mundialistas, falando da Távola Redonda americana, confirma<sup>(54)</sup>: “Outro paralelo com a atividade da organização britânica: a infiltração na imprensa. Ela se exerceu, especialmente, em cinco diários: *The New York Times*, *New York Herald Tribune*, *Washington Post*, *Boston Evening Transcript* (desaparecido), e, sobretudo, no poderoso *Christian Science Monitor*, cujo redator-chefe era o principal correspondente americano da *Round Table*.”

<sup>(52)</sup> – Ed. Henry Coston. Paris. 1987.

<sup>(53)</sup> – Cfm. George Virebeau. *Mais qui Gouverne L'Amérique?*. Pub. Henry Coston. Paris. 1991. p.49.

<sup>(54)</sup> – J. Bordiot. *Une Main Cachée dirige*. Lib française. Paris. 1976. p.95.

O engajamento dos grandes diários anglófonos nas opiniões do socialismo fabiano estava, em 1917, tão firme, que um dos mais famosos colunistas americanos, Walter Lippman, antigo companheiro de Franklin D. Roosevelt, grau 32 da FM do REAA, podia permitir-se, precisamente nas colunas do *New York Times*, anunciar categoricamente o programa dos seus inspiradores: “Tratar-se-á de criar um socialismo diversificado de tal forma que não será possível um governo mundial.”

O israelita Walter Lippman sabia o que dizia: ele era membro da *Fabian Society*, berço e oficina da equivalência de todas as formas de socialismo, fascismo, social-democracia e comunismo<sup>(55)</sup>. Era membro, também, do CFR e da *Round Table*, do *Harvard Socialist Group*, mas, sobretudo, dessa reunião de imperialismo britânico, biblismo protestante e socialismo fabiano que foi, e ainda é, a *Pilgrim's Society*.

Um dos diretores do *New York Times* e Cyrus Vance, conhecido como mediador da crise iugoslava, membro eminente da *Pilgrim's Society*, do *Bilderberg Group*, da Trilateral, do CFR, e administrador da *Rockefeller Foundation*.

O *New York Times* ostenta editorialistas e jornalistas pertencentes à Trilateral e ao CFR, e seu vice-presidente, Harding Bancroft, pertence ao CFR.

O *Washington Post*, freqüentemente associado a campanhas do *New York Times*, ocupa lugar excepcional na formação da opinião pública<sup>(56)</sup>.

Comprado em 1933 pelo banqueiro israelita Eugene Meyer, é dirigido, desde 1979, por sua filha Donnie Meyer Graham. O presidente George Bush deve o começo da sua fortuna como petroleiro graças a um empréstimo concedido por essa família, ligada ao CFR e ao *Bilderberg*, e cujos haveres são avaliados em trezentos e cinquenta milhões de dólares.

Os dois órgãos de imprensa acima, podem ser classificados como jornais de esquerda, progressistas<sup>(57)</sup>.

O *Reader's Digest*, por sua vez, está bem inserido no *Business Round Table* com o *Christian Science Monitor*, o *New York Herald Tribune*, e a principal agência mundial de informações: a *Associated Press*<sup>(58)</sup>.

(55) – P. de Villemarest, *Nomenclatura Mondialiste*, ed. CEI, 27930 Le Cierrey.

(56) – George Virebeau, *Mais qui Gouverne l'Amérique?* Pub. Henry Coston, Paris, 1991, p. 49.

(57) – Cfm. Cleon Skousen, *Il Capitalista nudo*.

(58) – Yann Moncomble, *La Trilaterale et les secrets du Mondialisme*, Paris, 1980, p.59, e *L'invisible expansion du mondialisme*, Paris, 1981, p.54.

Em 1978 era dirigido pelo banqueiro Harold H. Halm, membro do CFR e secretário da *Pilgrim's USA*.

Aqueles que pela imprensa pilotam e manipulam a opinião pública mundial, controlam ciumentamente o que se escreve nos seus jornais. Pode-se ter uma idéia pelas palavras pronunciadas muitos anos atrás, por John Swinton, redator-chefe, justamente, do *New York Times*, num banquete em sua homenagem, por ocasião da sua despedida por aposentadoria. Um dos convivas, tendo proposto um brinde à liberdade de imprensa, ele respondeu: "Que loucura levantar um brinde à liberdade da imprensa independente! Todos os que aqui estão esta noite sabem que não há imprensa independente. Vocês sabem. Eu lhes digo. Ninguém dentre vocês ousaria externar suas verdadeiras opiniões, e se o tentasse fazer, vocês sabem que não seriam nunca impressas. Pagam-me duzentos e cinquenta dólares por semana para manter minhas verdadeiras opiniões fora do jornal. Alguns dentre vocês recebem a mesma quantia pelo mesmo trabalho. Se eu autorizasse a publicação de uma opinião sincera, sobre não importa qual assunto no meu jornal, eu perderia meu lugar em vinte e quatro horas, como Otelo. Um homem tão louco a ponto de publicar uma opinião sincera se encontraria rapidamente na rua, procurando outro emprego. O papel de um jornalista (de N. York) é destruir a verdade, mentir radicalmente, perverter, aviltar, rastejar aos pés de Mamona, vender seu país e seu povo em troca do pão de cada dia. Vocês sabem disto, e eu também. Então, que loucura levantar um brinde à imprensa independente! Nós somos utensílios e vassalos de homens ricos que comandam dos bastidores. Somos seus fantoches: eles puxam os fios e nós dançamos. O nosso tempo, nossos talentos, nossas vidas, são propriedades desses homens. Somos *prostitutos intelectuais*."<sup>(59)</sup>

Passam-se alguns anos, e a TFP publica, em 1983, no *New York Times*, uma declaração de apoio à invasão americana de Granada<sup>(60)</sup>.

Chega o ano histórico de 1989, com a queda do muro de Berlim e a implosão do comunismo na União Soviética e países satélites. O chefe carismático da TFP, Plínio Corrêa, redige, então, um artigo sobre a situação do mundo e do Brasil, à luz do acontecimento. Na Itália, o *Corriere della Sera* o publica em 7 de março de 1990, o *Giornale d'Itália*, no dia 8. Nos Estados Unidos ele ocupa duas páginas inteiras do *Wall Street Journal*, de N. York! Este é o órgão das altas finanças apátridas, tecnocráticas e socialistas; este jornal que quis, organizou, e financiou a Revolução de Outubro na Rússia, e que depois apagou os sucessivos desastres econômicos na URSS<sup>(61)</sup>; que, por fim, decretou a eclipse oficial do comunismo, no final dos anos oitenta.

<sup>(59)</sup> – Segundo o livro do P. Denis Fahey: *The Mystical Body of Christ in the Modern World*, p. 14 do prefácio; e, segundo o de Deindre Manifold: *Toward World Government*, citado na revista *Sous la Baunière*, n° 37, set-out de 1991.

<sup>(60)</sup> – Cfm. Boletim das ISTFP, ano 1, n°3.

Seu editor, Robert L. Bartley, é membro da *Trilateral* e do *Bilderberg*. Seu vice-presidente é Norman Peralstine, do *CIR*, presente à conferência do *Bilderberg Group* em N. York, que previu as modalidades de organização da Nova Ordem Mundial. Os diretores do *New York Times* e do *Wall Street Journal* se encontraram, em 1973, na cerimônia da fundação da *Trilateral*.

Uma outra prova dos laços apertados que ligam a alta finança (e por ela o capitalismo), com o socialismo, é o fato da *Trilateral* reconhecer como inspirador dos seus programas o chefe comunista italiano Antonio Gramsci.

O sistema de Gramsci postulava a presença de “intelectuais orgânicos”, que seria necessário tirar do meio burguês culto. Seria confiada a eles a tarefa de sustentar a dialética entre as massas populares e o nó dirigente, situado no “bloco histórico” do poder.

A *Trilateral* identifica esse bloco com os partidos e as elites governamentais dos Estados Unidos, Europa e Japão. Com ela, os intelectuais orgânicos de Gramsci tornam-se os tecnocratas, forjados nas grandes oficinas fabiano-socialistas de *Harvard*, *Yale*, da *London School of Economics*, etc. Ela conta com eles para construir uma organização social fundada sobre o primado da economia concentracionária, e sobre a sufocante igualdade do homem-massa, reunidos na gigantesca cidade global da nova ordem onusiana, desejada pelos Bush e pelos Gorbatchev.

---

(61) – P.F. de Villemarest, *Les Sources Financières du Communisme*, ed. CEI, Le Cierrey, 1984; Epiphanius: *Massoneria e Sette Segrete*, V. também, Piacenza, Oscar Sanguinetti: *Il Grande Parvus*, nº 173, setembro de 1989; e. Roberto Mattei: *Rivoluzione d'ottobre e supercapitalismo*, nº 24, abril de 1977.

## Os estranhos silêncios da TFP

“O negócio principal da nossa época é chegar, pela multiplicação dos investimentos e do comércio, a ligar a tal ponto as nações,— quer sejam elas capitalistas ou comunistas —, que não haja mais do que um só mundo<sup>(62)</sup>.”

O que causa estranheza, na denúncia permanente dos defeitos do social-comunismo pela TFP, é o silêncio constante sobre o conluio entre a alta finança — e, portanto, entre a Franco-Maçonaria e seus dirigentes secretos —, por um lado, e, o socialismo do outro, conluios que fornecem uma chave importantíssima para decifrar-se o *processus* revolucionário. Esse silêncio é ainda mais estranho quando se pensa no nível de conhecimentos necessários aos adeptos do assunto.

Pode-se fazer abstração de fatos tais como os sustentadores financeiros americanos de Karl Marx, “sem os quais permaneceria um obscuro obcecado?”<sup>(63)</sup>.

Pode-se ocultar que a filha de Karl Marx pertenceu à *Fabian Society* e que suas afinidades com o socialismo foram reconhecidas “*apertis verbis*”, por ilustres maçons, tais como Eugen Mittler? O pensamento claríssimo da alta finança foi expresso em 1932 pelo banqueiro israelita James P. Warburg: “É preciso promover uma economia disciplinada e socialistas, e integrá-la num sistema socialista de dimensões mundiais.”

As declarações de Z. Brzezinsky, teórico da Trilateral, mundialistas cheio de títulos e, com H. Kissinger, membro do “*Think-Tank*” “conservador” CSIS de Georgetown, são significativas: “O marxismo é uma vitória da razão sobre a fé, uma etapa vital e criadora na maturação da visão internacionalista do homem<sup>(64)</sup>.”

---

(62) – George Bush, declaração ao magazine *Lista*, em 1973.

(63) – Epiphanius, op. Cit. p. 123-124.

(64) – *Between Two Ages*, 1970.

O pensamento de G.D.H. Cole também nos parece esclarecedor. Em 1941, como presidente da Fabian Society, ele preconizou apoiar toda forma de socialismo como objetivo mundialista, “sejam os partidos social-democráticos, trabalhistas ou outros, da Europa e da América; seja o comunismo da Rússia, ou outros diferentes grupos minoritários d’alhores, posto que entre eles não há nenhuma diferença de objetivos, mas somente de métodos<sup>(65)</sup>.”

Essa idéia é convenientemente ressaltada por Pierre Villemarest na sua *Lettre d’Information* nº 3, de 1991: “O dogma fabiano, lê-se nas publicações internas de Londres, consiste em permanecer como o inspirador de todos os socialismos e estar, ao mesmo tempo, sempre presente em toda parte: na esquerda, na direita, no centro.”

A TFP parece ignorar a estratégia mundialista, confessada por Brzezinski às vésperas da queda do comunismo, no seu livro *La Grande Faillite*: “O comunismo não tem nenhuma missão histórica. Eu proclamo que, num tempo historicamente previsível, o comunismo, tal como foi experimentado no nosso século, cessará de existir”. Profecia fácil para um iniciado!

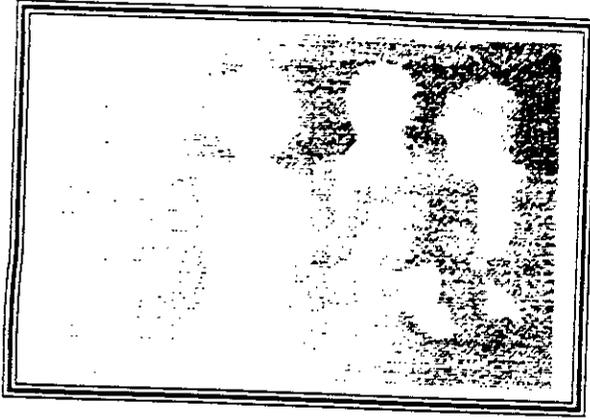
Não seria indispensável pertencer-se às altas esferas ocultas para prever o destino do comunismo soviético. Bastaria ter lido o que o Grande Oriente da França anunciou em 1964<sup>(66)</sup>: “O comunismo não pode passar de uma etapa, não é um fim.”

Assim, em meio ao júbilo geral dos democratas, a ex-URSS, e seus satélites, abandonam o socialismo dito “real”, e, sob o efeito explosivo dos nacionalismos (*solve*), desembocam na via do socialismo tecnocrático ocidental, cujo pivô é, hoje, a ONU, e, amanhã, o governo mundial (*coagula*).

---

<sup>(65)</sup> – Epiphanius, p. 181.

<sup>(66)</sup> – Boletim acessível aos graus inferiores, nº 43, de jan-fev de 1964.



Grupo composto pelos casais. Regan e Gorbatchev

Foto publicada pelo jornal *La Stampa* de Turim, em 13 de maio de 1992, sob o título: "Gorbatchev star na festa do capitalismo". Sob o título: "New York. Ao som das trombetas. Michael Gorbatchev fez sua entrada espetacular na festa do capitalismo, organizada pela revista *Forbes*."

Mas, quem é esse Gorbatchev que se coliga assim com o maçom "*honoris causa*" Ronald Regan, depois de ter se encontrado, discretamente, com David Rockefeller e seu mordomo Henry Kinssinger na Conferência da Trilateral em Tóquio, em 10 de abril de 1991, e que não hesitou em declarar, em 8 de maio de 1992, diante da seção de Chicago do CFR, que a Nova Ordem Mundial é uma forma nova de civilização?

Pode ser que a explicação dada pelo professor Plínio, da decomposição soviética (que teria sido produzida do interior, por "descontentamento") poderia aproximar-se desse conjunto de circunstâncias

Deixando ao leitor os comentários, citamos Yann Moncomble, o grande especialista francês, morto prematuramente. Posto em presença de fatos difíceis de conciliar, ele ressaltou: "É impressionante ver-se homens da alta finança alimentar movimentos e projetos que vão de encontro aos seus próprios empreendimentos... a menos que essa maneira de fazer os coloque em condições de controlar, habilmente, os pró e os contra."

"Essa é, sempre, a maneira de proceder de todas as sociedades secretas ou discretas. Criadas na medida das necessidades, elas se destacam em grupos distintos, algumas vezes opostos, porém, ligados a um centro que lhes imprime uma mesma direção geral. Elas agem por toda parte, em ordem dispersa, porém coordenada, como um exército que opera para o mesmo objetivo, com armas variadas e multiformes<sup>(67)</sup>."

Seja lá o que for, a TFP tem convivências estranhíssimas!

<sup>(67)</sup>

- Yann Moncomble, *La Mafia des Chrétiens de Gauche*, ed. Moncomble, 1985, p. 290 e 296.

## Conclusões

Concluindo esta investigação, podemos afirmar:

- que a TFP dirige toda sua atenção ao comunismo, e nele reduz todo o fenómeno revolucionário;
- que ela cobre as origens sectárias e ocultas (da Revolução);
- que ela passa, igualmente em silêncio, as fontes financiadoras (da Revolução), bem conhecidas. Os sábios, verdadeiramente católicos, que se debruçam sobre a questão, têm, muitas vezes, chamado a atenção dos seus leitores sobre esse ponto.

O conhecimento da matriz ideológica e financeira do comunismo é de soberano interesse para quem pretende estudar, e combater, a Revolução. Remontando através dele à Franco-Maçonaria e à alta finança apátrida, descobre-se que a revolução liberal-democrática, e a Revolução Bolchevista, nascem de uma mesma fonte e se fecham numa só central. Começa-se, então, a dar-se conta de que o *processus* revolucionário é homogêneo, não somente no plano intelectual, como ressalta o professor Plínio Corrêa, mas, também, sobre aquele do programa e da organização.

Assim, as falsas antiteses (capitalismo-socialismo; facismo-comunismo; mundo comunista-mundo livre), caem por si sós. A atenção do observador, se desviando das marionetes, põe-se a buscar os planos e o manuscrito do contra-regra, dissimulados do público. É precisamente a distração dos povos a esse respeito, o afastamento da sua atenção dos meandros da grande comédia política, que constituem a grande força da Revolução. Esse ilusionismo superior consegue pôr, sob uma ou outra das suas numerosas bandeiras, falsamente antagonistas, todas as forças que lhe poderiam constituir obstáculo, e as faz cooperar, para além dos contrastes mais violentos, em direção ao objetivo universal conhecido pelos altos iniciados<sup>(68)</sup>.

---

<sup>(68)</sup> — Seria fácil demonstrar as raízes sectarias e financieras do fascismo, como já foi feito com o nazismo, cfm., por exemplo: P.F. de Villemarest: *Les sources financières du nazisme*, CEI 27930 – Le Cierry, 1984; Gerald Suster: *Hitler the occult messiah*, St. Martin's Press, N. York, 1981; Werner Gerson (pseudônimo do martinista Pierre Mariel): *Le nazisme et les sociétés secrètes*, Grasset, Paris, 1969; Giorgio Galli: *Hitler e il nazismo magico*, ed. Rizzoli, 1989; e, mais especificamente, P. Taufer e C. Agnoli: *La ascesa del nazismo e lo sterminio degli ebrei*, Ed. Civiltà, Brecid, 1988.

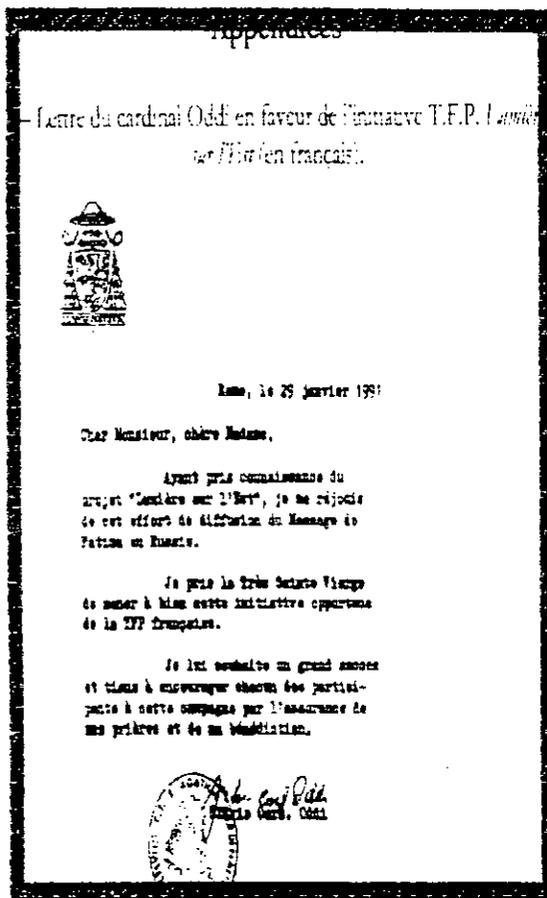
Nessa ordem de idéias, Albert Pike, grande teórico da Franco-Maçonaria, em *Morals and Dogma*, escreveu, no século passado (XIX) que a ação da maçonaria, face às massas populares, é comparável à dos antigos reis do Egito, que captavam as águas do Nilo para fazê-las servir aos seus próprios fins.

A TFP apanhou somente as afinidades intelectuais entre a revolução liberal e a revolução socialista, sem ressaltar a dependência comum em relação aos centros de poder, e, assim, pôde, como vimos, tomar posição em favor do *establishment* maçônico norte-americano, vendo nele um abrigo contra o perigo comunista.

Não vamos procurar saber aqui se essa atitude é fruto de um erro, ou se se trata de uma escolha deliberada. Mas, convém ressaltar muito bem que o alto poder mundialista, através dos diferentes Weyrich, Helms, e da nova direita em geral, está em condições de colimar, *via* TFP, uma magistral manobra, qual seja canalizar, em seu proveito, a própria tradição católica, fazendo-a cooperar na vinda da nova idade, essa nova era que se caracteriza pelo desaparecimento da Igreja enquanto instituição, e que a TFP também espera, chamando-a de “*Reino de Maria*”.

## Apêndices

I - Carta do cardeal Oddi, em apoio à iniciativa da TFP (Luzes sobre o Leste). O original está redigido em francês.



Tradução:

Roma, 29 de janeiro de 1991

Caro Senhor, cara Senhora:

Tendo tomado conhecimento do projeto "Luzes sobre o leste", alegro-me com esse esforço de difusão da Mensagem de Fátima na Rússia.

Rogo à Santíssima Virgem conduzir a bom termo essa iniciativa oportuna da TFP francesa.

Desejo-lhe um grande êxito e devo encorajar cada um dos participantes dessa campanha pela garantia das minhas orações e da minha bênção.

Silvio Card. Oddi

2 – Documento de D. Antonio de Castro Meyer condenando as "litanias" a dona Lucilia (original em português).

São Paulo, 26 de outubro de 1981.

Excelsa. Revma.

D. ANTONIO DE CASTRO MEYER

Louvado seja N. S. Jesus Cristo!

Quero lhe apresentar uma ladainha feita na TFP para D<sup>a</sup> Lucilia Corrêa de Oliveira, a fim de poder-lhe sua opinião a respeito dela:

Ladainha de D<sup>a</sup> Lucilia

Kyrie, eleison.  
 Christe, eleison.  
 Kyrie, eleison.  
 Christe, audi nos.  
 Christe, exaudi nos.  
 Pater de caelis Deus, miserere nobis.  
 Fili, Redemptor mundi, Deus, miserere nobis.  
 Spiritus Sancte Deus, miserere nobis.  
 Sancta Trinitas, unus Deus, miserere nobis.  
 D<sup>a</sup> Lucilia, rogai por nós.  
 Manguinha, rogai por nós.  
 Mãe do Sr. Dr. Flávio, rogai por nós.  
 Mãe do Doutor da Igreja, rogai por nós.  
 Mãe do nosso Pai, rogai por nós.  
 Mãe do Imável, rogai por nós.  
 Mãe de todos nós, rogai por nós.  
 Mãe dos séculos futuros, rogai por nós.  
 Mãe de Princípio axiológico, rogai por nós.



2012 11:27, p. 11

Pergunto a V. Excia.:

- 1ª - Estas graças são lícitas ou contrariam o código de direito canônico?
- 2ª - Elas estão de acordo com a doutrina da Igreja?
- 3ª - Pode-se atribuir títulos exclusivos de Mãe Senhora a qualquer pessoa?
- 4ª - Isto está de acordo com a prática e o espírito da Igreja?

Pedindo seu autorizado parecer, despeço-me rogando-lhe sua bênção.

*Alonso Fedeli*

Sobre a recente ecise, de Da. Lucília, devo dizer:

1. Jamais soube de sua existência. Só agora dela se dão conhecimentos, a través, indiretamente.
2. Considerado em si mesmo, ela desconhece varias determinações do Sto. Igreja:
  - contem erros contra a Fé;
  - envolve, em consequencia, graves consequências negativas para a piedade dos que dela se utilizam habitualmente.
3. Ela constitui um pio exercicio de culto a pessoa non canonizada, non beatificada, condições que dever ser tomadas em consideração mesmo em exercicios de culto privado;
4. atinge a blasfêmia, <sup>uma</sup> vez que atribui a outras invocações com que a Santa Igreja <sup>sempre</sup> privilegia prerrogativas para destacar a excelência singular da santidade de Mãe de Deus;
5. Varias das invocações envolvem graves erros contra a Fé. Assim chamar a D. I. Santa de Luz (e luz porquê. é Deus n. Senhor), Medianeira de todas as nossas graças, e outras. - O mesmo se diga pelas prerrogativas atribuídas ao cardeal dessas invocações, como "Inefavel" (só Deus); Doutor da Igreja (como se fora "o" Doutor da Igreja, etc.);
6. é prejudicial aos que dela fazem uso, sobretudo habitual, pois, inear-

sivelmente vão referir-se conceitos próprios da verdade da Fé, como unidade transcendência de Deus, estrutura da Santa Igreja, lugar único de Herdeiros cristãos no plano da Redenção, etc.

Respondendo às perguntas finais:

- à 1a. a leitura não é ilícita, contra o Direito Canonico;
- à 2a. não;
- à 3a. não;
- à 4a. não.

Canas, 4 de novembro de 1983, E. Carlos Borromeu,  
Declarado Igreja.

*Antonio de Castro Mayer, Bispo*  
Antonio de Castro Mayer, Bispo.

*Documentação anexada por  
causa de...  
1. ...  
2. ...  
3. ...  
4. ...*

## DOCUMENTOS SOBRE A TFP

Com a morte do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, em 3 de outubro de 1995, a TFP entrou em luta interna: dois grupos principais disputaram a herança da denominação, das propriedades arquivos, etc. A Justiça manteve o bloco dos mais antigos membros na posse dessa herança, e essa TFP passou a ser conhecida por “TFP(Plínio)”, e, também, pelo grupo opositor, que ficou com a maioria dos membros, cerca de 85%, como “os provectoros”; enquanto os dissidentes, sob a liderança de João Scognamiglio Clá Dias, formaram outra sociedade, com o nome de.....  
....., e que passou a ser conhecida como “TFClá”.

Um outro grupo separou-se dos dois acima, mantendo apenas sua devoção pessoal ao “senhor doutor Plínio” e sua mãe, dona Lucília. Alguns, mais fanáticos, declaram que “dariam seu sangue pelo senhor doutor Plínio.”

Cresce, no entanto, o número daqueles que se afastam das atividades e das práticas tefepistas. seja porque se casaram ou estão namorando, seja porque por si mesmos, ou pela aceitação das denúncias dos antigos companheiros de seita, enxergaram o erro.

A tendência é continuar o “racha”. embora o recrutamento de novos membros, especialmente entre a juventude que vai deixando a Igreja Conciliar, propicie à TFP, como um todo, uma sobrevida.

A médio prazo, a TFP, que já se encontra vinculada fortemente à Nova Direita americana, maçônica e mundialista, ao que tudo indica, tenderá a reorganizar-se com uma sociedade secreta dirigente, do tipo “sempre viva”, e várias associações satélites, cada qual com suas ligações próprias no “establishment”.

A hipótese da coordenação pela TFP de toda a Tradição Católica, a serviço do mundialismo dominante, deve ser descartada. Enquanto a Tradição cresce, por ter aderido à idéia de que a resistência, e a retomada ou reconquista, é obra do clero, a TFP, por seu fundador, perdeu-se na militância leiga, numa terceira via, que pretende substituir-se à Igreja Conciliar e apagar a resistência tradicionalista.

A longo prazo, a TFP, se sobreviver, será engolida pela New Age, e poderá prestar-lhe um serviço secundário na administração dos grupos místicos saídos do ecumenismo, por força da sua base filosófico-teológica gnóstica. Seus membros mais cultos poderão, individualmente, ingressar

nas sociedades semi-secretas mundialistas, sempre em papéis secundários, face a desconfiança da matriz judaica (N.d.t. brasileiro).

Os documentos que estamos publicando foram remetidos pelo falecido bispo suplente dos padres de Campos, D. Licínio Rangel, e pelo então Pe. Rifan, ao Sel de la Terre, que os traduziu para o francês. Na medida em que obtivermos os originais, em português, os iremos difundindo. Por enquanto, e considerando as dificuldades relacionadas com o agastamento dos padres de Campos da Tradição Católica, juntamos uma tradução do francês que conterà, naturalmente, imprecisões que, no entanto, não deverão alterar a essência dos documentos.

Como curiosidade, lembramos que a palavra *fetichê*, saiu do português *feitiço* e voltou como *fetichê*, com um sentido um pouco alterado. Enquanto feitiço, desde o Séc XVI já era empregado na península ibérica como bruxaria, e assim ainda o é no Brasil: Fetichê foi incorporado aos nossos dicionários como significando “objeto a que se atribui poder sobrenatural, ou mágico, e se presta ao culto”. A psicopatologia utiliza a palavra no sentido de objeto inanimado, ou parte do corpo considerada como possuidora de qualidades mágicas ou eróticas. Neste último sentido é que se pode, sem exagero, considerar as “reliquias” do doutor Plínio e da sua mãe (N.d.t. brasileiro).

## A TFP e D. ANTONIO DE CASTRO MEYER

Dom Antonio, bispo da diocese de Campos, de 1948 a 1981, deu, durante muitos anos, um grande apoio e estímulo à Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade — a TFP, por causa do seu projeto de luta pelos valores cristãos da Sociedade, no combate, por exemplo, contra o comunismo e o divórcio.

Essa aprovação, vinda de um bispo zeloso como D. Antonio, não só impediu o receio, mas estimulou muitos a apoiar a TFP, na diocese de Campos, no Brasil e no Exterior.

No entanto, após tantos anos de amizade e união, em 1982, D. Antonio de Castro Meyer rompeu com a TFP e seu chefe, o Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, com o qual trabalhou durante muitos anos, antes mesmo de ser bispo<sup>(1)</sup>.

Publicamente, D. Antonio declarou somente que agiu segundo sua consciência, e que as decisões de consciência são, normalmente, definitivas. Ele não quis se envolver em polêmicas públicas com a TFP, julgando-as infrutíferas.

Com seus amigos íntimos, no entanto, D. Antonio desabafou: “Plínio me enganou durante 40 anos”: “dei meu apoio à TFP por muito tempo”; “para combater o comunismo, apoiei a TFP: agora, penso que para destruir o comunismo, é preciso combater a TFP.”

“Sapientis est mutare consilium”, “é próprio do sábio mudar de idéia”, diz o provérbio. Aliás, só os fanáticos não mudam de idéia. São praticamente inconvertíveis.

Mas, quais são as razões dessa mudança tão profunda? O que pode fazer com que se rompa uma amizade de 40 anos? Deve ser algo muito grave e sério!

No seu livro sobre a diocese de Campos (A Goela do Leão, Ângelus Press, Kansas City, USA), o Dr. David Allen White escreveu: “Dom Antonio rompeu com a TFP, e com seu velho amigo (o Dr. Plínio), e advertiu os católicos engajados nesse grupo: Dom Antonio não era homem de agir, sem evidência suficiente, ou uma firme convicção da verdade” (p. 184).

(1) — Eis como a TFP, em 1980, ainda se expressava sobre D. Antonio: “Ilustre prelado, tido, com justiça, como um dos melhores teólogos da América do Sul; conselheiro venerado [da TFP], particularmente nos domínios filosófico e teológico... Famoso por sua sagacidade doutrinária”. (citado em Imbroglia-Détraction-Délire, TFP, 6 avenida Chauvard, 92600 Asnières, p. 54-55). Já assinalamos o embaraço de R. de Mattei (ver Le Sel de la Terre 25, p. 189) para explicar, na sua obra, (Le Croisé du XX<sup>e</sup> Siècle) a ruptura do bispo com a TFP. D. Antonio explicou publicamente, e Fragelli e Tosto, conselheiros “pródigos” de R. de Mattei, não poderiam ignorar. (Nota juntada ao documento).

Os documentos que se seguem visam a esclarecer as pessoas de bom senso, que amam a verdade. Os fanáticos, aqueles que crêem sempre ter razão, mesmo contra a razão, e aqueles de espírito sectário, não precisam lê-los. Não lhes aproveitaria em nada. Nenhum argumento convence os fanáticos, e, aos sectários só podem enfurecê-los. Eles querem sempre ter razão: não amam a verdade nem a Igreja, mas a si próprio e ao seu grupo. Com esses não aproveita a *ninguém* discutir ou polemizar.

Para as pessoas de bom senso, poucas explicações são necessárias. Para aqueles que não têm bom senso, nenhuma explicação é possível.

+++

Considerações de Dom Antonio de Castro Meyer sobre a TFP, das quais se pode deduzir as razões da sua ruptura com ela:

• **Carta de Dom Antonio ao Doutor Plínio (1982)**

Nesta carta de 20 de outubro de 1982, D. Antonio fala das suas reservas, do desacordo entre ele e a TFP, do seu dissentimento sobre a qualidade de “profeta” que se atribui o Dr. Plínio, e da atmosfera generalizada de anticlericalismo que reina na TFP.

“Caríssimo Plínio,

“Laudetur Jesus Christus!

“Li boa parte da fotocópia da conversa de José Raimundo com o padre de Écône e as pessoas da África do Sul. Sobre o assunto, lembro que jamais ocultei minhas reservas, especialmente quando dei minha colaboração para a resposta ao relatório, bem como em outras ocasiões. No que diz respeito à sua pessoa, já disse claramente que, no meu julgamento, não se deve reconhecer o “status” de profeta no sentido próprio do termo, implicando um carisma especial em acréscimo das qualidades das quais o indivíduo é possuidor, mesmo se singulares. Vejo que na TFP, o pensamento e a ação levam a uma concepção contrária. Da mesma forma, não ocultei que encontro na TFP uma atmosfera generalizada de anticlericalismo, desfavorável ao clero. Que outros também tenham percebido, nada há de espantoso. (...)

“Quanto ao meu testemunho favorável à TFP, que manifestei diversas vezes, referi-me, sempre, à sua ortodoxia nas suas atividades anticomunistas, anti-socialistas, enfim, no domínio

econômico-social. Isto não se referia ao regime e à formação interna da TFP, aos quais sou estranho (...)."

A resposta do Dr. Plínio a essa carta foi discordante:

"(...) uma outra questão, completamente distinta, é saber se, pessoalmente, tenho qualquer coisa de profetismo não oficial. Na carta anterior à sua partida para Amparo, Vossa Excelência me disse, com um tom, aliás, afetuoso, que pensava que não. Outros pensam que sim (...) tratando-se somente da minha pessoa. Não entro, pois, na questão senão para reconhecer, a quem quer que seja, e a Vossa Excelência mais que a ninguém, o direito de pensar e dizer o que quiser".

• **Carta de Dom Antonio de Castro Meyer sobre a TFP (1984)**

Dom Antonio escreveu esta carta dois anos após sua ruptura com a TFP, em resposta a uma consulta de um pai aflito pelos problemas causados, na sua família, pelo filho que se tinha afastado dela por ter se filiado à TFP.

"Campos, 16 de dezembro de 1984.

"Devo uma resposta à vossa dolorosa carta de 24 de setembro, que me enviastes no dia 25 do mesmo mês, como atesta o carimbo do correio.

"Sobre o caso, só posso vos dar um conselho: rezar e rezar muito o Rosário, ou pelo menos o terço de Nossa Senhora, pedindo à Virgem Maria, Mediadora de todas as graças, que ela ilumine vosso filho e o faça ver que a TFP é uma seita herética, porque, de fato, se não o é por profissão verbal ou escrita, ela vive e se comporta de acordo com um princípio que mina, fundamentalmente, toda a verdade do cristianismo, isto é, da Igreja Católica.

"É de fé que Jesus Cristo fundou sua Igreja, — destinada a manter na terra o verdadeiro culto de Deus, e, assim, encaminhar as almas à salvação eterna —; fundou, digo, sua Igreja como uma sociedade desigual, composta de duas classes: uma que dirige, ensina e santifica, composta por membros do clero; e, outra — o povo fiel —, que é ensinado, dirigido e santificado. É um dogma de fé.

“São Pio X. lembrou que a Igreja é, por natureza, uma sociedade desigual, isto é, que comporta uma dupla ordem de pessoas: os pastores e o rebanho, ou ainda: aqueles que estão colocados nos diversos degraus da hierarquia, e a multidão dos fiéis. Essas duas ordens são de tal maneira distintas que é somente na hierarquia que reside o direito e a autoridade de orientar e dirigir os associados rumo aos fins da sociedade, enquanto que o dever da multidão é se deixar governar e seguir, com obediência, a direção daqueles que governam (Encíclica “Vehementer”, de 11 de fevereiro de 1911). E toda a história da Igreja, como se vê no Novo Testamento, atesta esta verdade como um dogma fundamental da constituição da Igreja. Foi somente aos Apóstolos que Jesus disse: “Ide e ensinai a todas as nações” (Mt e Mc). É assim que os Atos dos Apóstolos nos mostram a vida da Igreja nos tempos seguintes a Jesus Cristo.

Por essa razão, é uma subversão herética seguir, habitualmente, um leigo —que não é membro, portanto, da hierarquia—, como porta-voz da ortodoxia. Isto não é buscar saber o que a Igreja disse, o que os bispos disseram, mas o que um tal ou qual disse... Não somente isto, mas também essa atitude que, em realidade —mesmo que não tenha sido explícito—, coloca o líder na posição de árbitro da ortodoxia, e se reveste de uma sutil, porém real desconfiança em relação à hierarquia e ao clero em geral. Há, na TFP, um *anticlericalismo visceral*: tudo o que vem do clero é recebido com reservas. No fundo, ela tem a convicção de que todos os padres são ignorantes, pouco zelosos e interessados, além de outras qualidades desse gênero. Ora, dada a constituição divina da Igreja, tal qual a instituiu Cristo, esse *anticlericalismo habitual*, larvado, na TFP, faz dela uma seita herética, e, pois, como disse, animada por um princípio contrário ao dogma estabelecido por Jesus Cristo, na constituição da sua Igreja.

“Não obstante, a TFP teve uma origem sã. Ela foi uma espécie de evolução natural do apostolado exercido pelo hebdomadário da congregação marial de Santa Cecília, “O Legionário”. Este foi um movimento sério e bem intencionado, visando à consolidar a formação intelectual e religiosa dos membros dessa congregação, e, em consequência, dos leitores do semanário. Teve uma influência em todo o Brasil. Foi o tempo da obediência a Dom Duarte e Dom Leme. Eu acompanhei e aprovei esse apostolado, mesmo quando ele começou a desviar, com o *espírito anticlerical* que começou a endurecer essa posição e a *subvertê-lo*, de modo a pôr o clero a reboque do leigo carismático, monopolizador da legítima ortodoxia. Eu levei minha adesão além do que seria lícito. Eu a retirei somente porque percebi que minhas advertências não eram levadas em consideração. Elas se tornaram inúteis.

“É justo observar-se que o *destramelo* de certos hierarcas, e não dentre os menores, explica o escândalo dos “tefepistas”, sem justificar as posições que vieram a tomar. Ainda mais as do seu chefe.

“Para o momento, como vos disse no começo, o remédio é a prece. Mesmo porque sem a oração nada se consegue: “Pedi, disse Nosso Senhor, e recebereis”. É preciso pedir, porque a exaltação *carismática* engendra um certo *fanatismo*: *as pessoas resistem, meio incapacitadas de ver a realidade objetiva, de perceber os erros, mesmo os fundamentais, como se essa inversão em seguir um leigo, em lugar de seguir chefes legítimos da Santa Igreja (...)* ainda mais quando, como infelizmente observei, há, freqüentemente, atitudes e propósitos de membros da hierarquia que um católico qualquer pode perceber, como discordantes da doutrina e da orientação da Igreja de sempre (...). É o que me vem ao espírito no momento.

“Peço a Nosso Senhor que vos conceda, bem como a toda a vossa família, um santo e feliz Natal, e um ano novo cheio da graça de Deus.

“Peço-vos rezar por mim Vosso servidor em Jesus Cristo,

“Antonio de Castro Meyer, bispo emérito de Campos.”

+

## Outras advertências de D. Antonio à TFP

- Sobre o profetismo

(...) A pessoa do profeta fazia parte da economia do Velho Testamento. Era ele que possibilitava a presença sensível de Deus no meio do seu povo. Nas situações difíceis, particulares ou nacionais, recorria-se ao profeta, ao homem de Deus (...).

A lei e os profetas duraram até João, diz S. Lucas (Lc. 16, 16). O Batista foi o último grande profeta, aquele que veio para apontar o Salvador do mundo. E com Jesus Cristo, a

aliança entre o céu e a terra se fez de modo mais íntimo. Deus Nosso Senhor não falou mais através dos seus profetas. Como disse S. Paulo: “Ele nos falou por seu filho” (He 1,1).

Ao profetismo sucedeu a Igreja, a palavra da Igreja é a palavra de Jesus Cristo. “Quem vos escuta me escuta” (Lc 10,16). É pela palavra oficial da Igreja que Jesus Cristo conduz os povos à salvação. Não há mais profetas a título oficial, no governo do povo de Deus.

Isso não quer dizer que Deus renunciou a se comunicar com os homens por meio de profetas, aos quais ele abre seus segredos. Isso quer dizer que tais revelações fazem parte do depósito da Revelação, cuja aceitação é indispensável para se salvar. Donde se conclui que, mesmo quando se constata tratar-se de uma verdadeira comunicação extraordinária de Deus, não é por ela que devemos pautar nossa conduta, mas, pelo que a Igreja nos ordena legitimamente.

Por isso mesmo, mais do que no Antigo Testamento, é necessária a vigilância contra os falsos profetas, que se apresentam como portadores exclusivos dos meios de salvação.

(Artigo publicado no *Monitor de Campos*, 12 dezembro de 1982)

- Crises na fé

(...) Hoje, infelizmente, há outros sinais de heresia. Há heresia quando se busca um profeta para seguir sob pretexto de que toda a hierarquia falhou! Se toda a hierarquia viesse a falhar, seria a própria palavra de Deus que teria falhado, posto que o Divino Salvador confirmou à hierarquia o governo e a direção da sua Igreja, até o fim dos séculos, e, além disso, sua assistência, para que ela não falhe.

(Artigo publicado no *Monitor de Campos*, em 26 de janeiro de 1986).

- Seitas\*

A palavra seita (de “secare”, ou de “sectari”, às vezes de “sequi”, seguir), tem uma conotação religiosa. Não seria aplicável, exceto por analogia, em outro domínio. Em si mesma, significa um grupo de pessoas com a mesma concepção religiosa expressando, nos mesmos hábitos, os modos próprios de ser e agir do seu “profeta”. Toda seita se reúne em torno do “profeta”. Este seria um indivíduo singular, carismático, revestido de prerrogativas humanamente inexplicáveis, e que teria sido especialmente suscitado para conduzir os homens à salvação eterna. Na adesão “vital” ao profeta, assimilando seu modo de ser e agir, os membros da seita têm a certeza inquebrantável da sua eleição salvífica. Com este sentimento, a seita é exclusivista: seus membros foram escolhidos, e eles sabem que poucos são eleitos, e, que nesse pequeno número eles se encontram (...).

(Artigo publicado no *Monitor de Campos*, em 13 de abril de 1983).

- Comportamento na Igreja

(...) Não menos dignas de censura são as pessoas que fazem profissão de fé católica e não têm, a Santa Missa, na consideração que esse ato sublime exige. São os homens da comunhão. Antes da comunhão permanecem à porta da Igreja, algumas vezes conversando — provavelmente sobre assuntos edificantes —, mas só entram no momento de se apresentar à Santa Mesa. Uma tal modéstia não impede atitudes ostentatórias —, como marchar em passo cadenciado e fazer genuflexões ruidosas, coisas mais próprias aos costumes militares do que à compunção da alma. Também a pregação litúrgica não lhes interessa. Somente eles são depositários da Verdade. Sem eles não há salvação.

(Artigo publicado no *Monitor de Campos*, de 22 de dezembro de 1988)

---

\* – A TFP, até aqui, aproveitou a ambigüidade da palavra seita, empregada a torto e a direita, para se defender, simultaneamente, contra os movimentos anti-sectários laicistas, como a ADFI ou as declarações de parlamentares, e contra os tradicionalistas católicos. O testemunho de D. Castro Meyer apresenta, também, a vantagem de dissipar essa confusão: a noção de seita, aplicável ao caso da TFP, não deve nada à mídia, nem ao episcopado conciliar, nem, tampouco, às declarações parlamentares. Ela se define em relação à unidade da Igreja e decorre do seu julgamento.

• “Instrução do Santo Ofício ‘Ad Gravissima Avertenda’”

Além dessas sociedades (aquelas que tramam contra a Igreja), existem, também, outras seitas proibidas que devem ser evitadas, sob pena de pecado mortal. Dentre elas, devem ser mencionadas, principalmente, as que exigem juramento dos seus membros na guarda de um segredo que não deve ser revelado a ninguém, e uma perfeita obediência aos seus chefes ocultos.

Deve-se advertir que existem algumas sociedades que, sem que se possa afirmar pertencerem ou não a essas acima apontadas, são, no entanto, duvidosas e cheias de perigos, seja pelas doutrinas que professam, seja pela maneira de agir que seguem aqueles que se formam e se conduzem sob sua direção (...).

“*Ad Gravissima Avertenda*” (10 de maio de 1884).

+

+ +

## A Face Oculta da TFP

### A declaração “Ablas”

Declaração registrada em cartório (24 de agosto de 1984), e publicada na *Folha da Manhã* (Campos, RJ), em 24 de março de 1985.

Eu, Filipe de Freitas Guimarães Ablas, RG 3 706 587-SP, celibatário, residente em Curitiba, Brasil, à Avenida Manoel Ribas, nº 418, declaro em nome da verdade que, quando pertencia à TFP, Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, em 1967, ingressei numa sociedade secreta da dita associação, chamada “Santa Escravidão”, também conhecida, por seus membros, como “Sempre Viva”.

“Ave. Luis-Plinio-Elias [nome oficial do Dr. Plínio na Santa Escravidão], cheio de amor e de ódio, a Santíssima Virgem está convosco, bendito sois entre os fiéis, e bendito é o fruto do vosso amor e do vosso ódio, a Contra-Revolução.

“O Sacral Luis-Plinio-Elias, pai admirável e catolicíssimo da Contra-Revolução e do reino de Maria, rogai por nós “capengas” e pecadores, agora e na hora da nossa morte. *Amém.*”

Rezava-se o terço usando essas *Ave Marias*. As reuniões começavam, também, com as mesmas *Ave Marias*, a citada oração da Santa Escravidão, e com as jaculatórias: “Ave Luis-

Plínio-Elias, pai admirável e catolicíssimo da contra-revolução e do reino de Maria! Ave Luis-Plínio-Elias, o escravo fidelíssimo do Imaculado e Sapiencial Coração de Maria!

Havia, também, ladainhas para ele, o Doutor, e dizia-se que elas foram compostas por Marcos Ribeiro Dantas (escravo Plínio-Paulo). Numa das jaculatórias se dizia: “Precursor de Elias, rogai por nós!”

Doutor Plínio também dava a bênção aos seus escravos. Algumas vezes, quando os recebia, eles se deitavam no chão com o rosto voltado para cima; então, Dr. Plínio punha seu pé direito sobre seus rostos e lhes dava sua bênção, dizendo: “*Benedictio Matris et Mediatricis descendant super vos et maneat semper*”.

Os escravos do Dr. Plínio tinham o hábito de se confessar a ele, contando-lhe suas faltas, e, até mesmo seus pecados. Depois da acusação, se o escravo lhe pedisse uma penitência, Dr. Plínio costumava aplicar-lhe três tapas no rosto. Em seguida dava a bênção.

O ingresso na “*Sempre Viva*” se fazia com uma cerimônia que durava horas, na Rua Alagoas, segundo andar da casa, e, algumas vezes, noutros lugares. Dr. Plínio sentado num pequeno trono, com o hábito e a capa da Ordem Terceira do Carmo. Os assistentes usavam o hábito sem a capa. A pessoa que ingressava na referida sociedade tomava a atitude de um morto, prosternava-se por terra diante do Dr. Plínio. Então, recebia a ordem de se levantar para uma nova vida sob o comando do Dr. Plínio: “*Exsurge*”. Isto simbolizava que a pessoa estava morta, renascia um novo homem, um escravo do profeta, um apóstolo dos últimos tempos.

A pessoa fazia, então, sua consagração como escravo do Dr. Plínio e lhe doava todo o seu ser, e seus bens materiais e espirituais. Isto se fazia pela entrega de objetos simbólicos. O Dr. Plínio adquiria, então, direito absoluto sobre o escravo, como no Direito Romano, exceto o direito à vida. É por isso que eles o chamam de “*Dominus Plinius*”

A cerimônia prosseguia com o beijo dos pés e das mãos do profeta (o Dr. Plínio) pelo escravo. Depois, o Dr. Plínio se levantava e fazia sentar-se no trono seu novo escravo, porque, daí em diante, ele era um novo Plínio. O Dr. Plínio beijava os pés e as mãos do seu novo escravo. Então, por efeito de uma união transformadora que tinha lugar entre eles, um vivia no outro. O escravo era um novo Plínio. Por esta razão ele adotava o nome de Plínio, posto em composição com o nome de um outro patrono, e um título de Nossa Senhora. Por exemplo, eu tomei o de Plínio Bernardo Dimas Longinos de Nossa Senhora, Rainha Sagrada dos Apóstolos dos Últimos Tempos. Eu era conhecido por Plínio Dimas. Não se podia informar aos demais membros da TFP a existência da Santa Escravidão, por causa, evidentemente, do caráter secreto dessa sociedade.



Havia outros que, naquele momento, ainda não tinham sido recebidos na “*Sempre Viva*”, mas que eram escravos do Dr. Plínio Antônio Cândido Lara Ducca – escravo Ducca, e Carlos Eduardo Schafer – escravo Schafer

Falando sobre seu poder e seus escravos, Dr Plínio perguntou: “O que é o poder do Papa em comparação com tudo isso?”

Dizia-se entre os escravos que o “segredo de Maria”, do qual fala S. Luís Grignon de Montfort, seria, provavelmente, a instituição da Santa Escravidão para com Dr. Plínio.

Dr. Plínio acabou por ser designado pelo apelido de “Maria”. Em consequência, o escravo de Maria era escravo de Plínio.

Os escravos costumavam, de joelhos diante do Dr. Plínio, pedir-lhe misericórdia. Como exemplo, Cosme Beccar Varella Hijo, durante sua consagração, pediu ao “Meu Senhor”, a graça de tornar-se viúvo.

Desejo declarar, também, que eu, pessoalmente, fiz minha consagração como filho de dona Lucília (mãe do Dr. Plínio), de joelhos sobre seu túmulo, em presença do Dr. Plínio Corrêa de Oliveira e seus guardas.

Curitiba, 24 de agosto de 1984.

Luiz Filipe de Freitas Guimarães Ablas

Cartório Ramos, 2º Ofício de Notas.

R. Mar. Floriano Peixoto, 986 – Tel: 224 2444.

Apresentado hoje. Protocolado e registrado em microfilme sob o nº 544948. Classificado sob o nº 330009.

+

### Resposta de L.F. Ablas à TFP

A TFP publicou um longo comunicado para se defender das acusações da declaração de “Ablas”. A esse longo comunicado, L. F. Ablas deu a seguinte resposta:

A TFP publicou um comunicado (datado de 26 de março de 1985, confirmando as denúncias contidas na minha declaração sobre a “*Sempre Viva*” e tentando dar uma justificativa baseada na doutrina da escravidão marial de S. Luís- Maria Grignon de Monfort.

Esse santo, de fato, escreveu um tratado dando as razões pelas quais pode-se se consagrar como escravo à Santíssima Virgem, para melhor servir a Jesus Cristo. Essas razões se resumem na excelência de Maria, decorrente da sua qualidade de Mãe de Deus e Medianeira de Todas as Graças. Por isso, a fórmula de S. Luís Maria tem por título: “Consagração de si próprio a Jesus Cristos... pelas mãos de Maria”.

O comunicado da TFP afirma que, no caso da “*Sempre Viva*” se tratava de uma “consagração como escravo de Maria feita pelas mãos do Dr. Plínio”, por analogia com a fórmula de consagração de S. Luís-Maria de Montfort.

Observa-se, no entanto que, juridicamente, analogia é a aplicação de uma regra especial a um caso especial diferente daquele para o qual ela foi editada, baseando-se sobre os princípio de que, se há identidade de razões, deve haver uma mesma disposição.

Na lógica da argumentação da TFP, portanto, para que a *Sempre Viva* fosse lícita, seria necessário que as razões, pelas quais se fazia a consagração ao Dr. Plínio, fossem idênticas à razões pelas quais S. Luis Maria Grignon de Monfort justifica sua consagração, isto é, a própria excelência de Nossa Senhora, Mãe de Jesus.

É, pois, urgente, que o chefe da TFP declare e demonstre que ele possui a mesma excelência que Maria Santíssima, Mãe de Deus e Medianeira de Todas as Graças. Sem essa demonstração (que deve ser pública, considerando que o assunto tornou-se público), o vasto e escorregadio comunicado da TFP para nada serve, senão para confirmar, diante do público, que ela não passa de uma seita blasfemadora.

29 de março de 1985

Luiz Filipe Ablas  
(RG 3706587).

Rua Joinville, 3816 – S. José dos Pinhais, PR

+

## Nota Complementar sobre alguns adeptos da sociedade secreta “*Sempre Viva*”

Eis alguns dados relativos a certos membros da sociedade secreta “*Sempre Viva*”, citados na “declaração Ablas”:

– O escravo nº 1, Caio Vidigal Xavier da Silveira, reside atualmente em Paris, onde dirige, nas sombras, a TFP dita francesa, e o seu principal instrumento de propaganda “*Avenir de la Culture*”;

– O escravo nº 2, Eduardo Barros Brotero, e o nº 3, Luiz Nazareno, formam, com o primeiro, o “Conselho Nacional” a quem o Doutor Plínio (morto em 3 de outubro de 1995) nomeou, por testamento, sucessor legal, confirmado, em 1998, pelo Tribunal de São Paulo;

– O escravo nº 4, João Clá Dias, que Plínio apresentou como seu sucessor carismático, é seguido, na América Latina, por uma multidão fanática;

– O escravo nº 10, o príncipe Bertrand d’Orleans e Bragança, fez conferência na França e se encontrava, no dia 27 de janeiro de 1998, no Hotel Crillon, junto com Eduardo Barros Brotero, para a apresentação solene do livro *Le Croisé du XX<sup>e</sup> Siècle* (resenha tirada de *Correspondance Européenne*, lançada, aliás, sob a égide de Roberto de Mattei<sup>(1)</sup>);

– O escravo nº 55, Nelson Frangelli, foi enviado à França em 1979 quando essa escola tornou-se motivo de discórdias. Parece que ele, com Caio Xavier da Silveira, supervisionam a ação do “*Avenir de la Culture*”. Figurava como conferencista no programa de uma certa Universidade de Verão, legitimista, em 1994, em Anjou. Ele é mencionado, com o escravo nº 48, Francisco Xavier Tosto, por Roberto de Mattei, na introdução do *Croisé du XX<sup>e</sup> Siècle*, como um dos preciosos conselheiros do autor, que lhes agradece, vivamente, pelas “preciosas indicações e sugestões das quais foram pródigos”.

+

+

+

<sup>(1)</sup> – Esse número de *Correspondance Européenne* (de 10 de fevereiro de 1998) nos informa que nessa sessão de apresentação do livro de R. de Mattei, o Pe. F. M. Quoëx, do Instituto Cristo Rei, tomou, igualmente a palavra, e, que, dentre as personalidades presentes, se encontravam “Mons. Wach (prior do mesmo Instituto), padres da Fraternidade São Pedro, Madame Pérol, Raffard de Brienne (Pres. da Renascença Católica), Michel de Poncius, membros da aristocracia legitimista, etc.

## Apêndice

Como a TFP e seus amigos dizem não querer o menor contato com os chamados tradicionalistas (padres e fiéis que se confessam fiéis à Tradição da Santa Igreja), e, por outro lado, pretendem ter boas relações com as atuais autoridades da Igreja Conciliar, apresentamos os documentos seguintes, a fim de mostrar o que pensam deles, realmente, as autoridades oficiais, o que buscam nessa relação, e o que exigem em troca de algumas concessões.

### Nota da CNBB sobre a TFP

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

23ª Assembléia Geral – Itaici, SP, 10 de abril de 1985

37 A/23º AG – Com.

É notória a ausência de comunhão da TFP (Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade) com a Igreja do Brasil, sua hierarquia, e com o Santo Padre.

Seu caráter esotérico, o fanatismo religioso, o culto prestado à personalidade do seu chefe e fundador, a utilização abusiva do nome da Santa Virgem Maria, segundo as informações que circulam, não podem, de modo algum, merecer a aprovação da Igreja.

Lamentamos os danos que procedem de uma sociedade civil que se manifesta como entidade religiosa sem lanços com os pastores legítimos

Assim, os bispos do Brasil exortam os católicos a não se ingressar na TFP, e não colaborar com ela.

Itaici, 18 de abril de 1985.

Os bispos do Brasil reunidos na 23ª Assembléia Nacional da CNBB

+

## A opinião dos bispos conciliares do Brasil

Diocese de Campos

Av. 7 de setembro, 247 – 28013-330-Campos, R.J.

Devo desculpar-me pelo grande atraso em responder vossa carta, remetida no mês de março. Foi por causa do acúmulo de trabalho. Mas, eu vos peço, não veja nisto uma negligência da minha parte.

Quanto às questões formuladas, tentarei responder assim:

1) Realmente, houve diálogo com os padres ligados à TFP, porque toda divisão é sempre dolorosa para a Santa Igreja, e jamais poderemos esquecer as palavras de Jesus: “um só rebanho e um só pastor”.

2) No diálogo, chegamos, pela graça de Deus, a certas conclusões importantes. Por exemplo: *eles admitem que, visitando suas comunidades, eu celebre a Santa Missa de acordo com a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II.*

3) A permissão para que eles assistam aos casamentos, para evitar a grave situação dos sacramentos administrados invalidamente.

Rogamos que, sob as luzes do Divino Espírito Santo, e pela intercessão maternal da Santíssima Virgem, na verdade e na caridade, cheguemos à unidade desejada da autêntica Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

D. Roberto Gomes Guimarães, bispo diocesano de Campos.

+

Cúria Metropolitana de São Paulo  
Av. Higienópolis, 890  
C.P. 30405 e 54021 -- 01239 São Paulo

São Paulo, 6 de julho de 1989.

Fica concedida ao Revmo. Sr. Cônego José Luiz Marinho Villac, a permissão para celebrar a Santa Missa de 7º dia de morte do senhor seu pai, na capela do Colégio São Luís, às 12 horas de 8 [ de julho?].

O Revmo. Padre celebrará a Santa Missa segundo o rito de S. Pio V, porquanto ele mesmo e as pessoas [presentes?] aceitam as decisões do Concílio Vaticano II.

Paulo Evaristo, cardeal ARNS  
Arcebispo Metropolitano